

3

Superinteressante: o que “superinteressa” ao jovem?

(...) o vago tem lugar tão pequeno no reino do mito.

(Claude Lévi-Strauss, *A eficácia simbólica*)

A invenção suprema é a de um problema, a abertura de um vazio no meio do real.

(Pierre Lévy, *O que é o virtual?*)

Apesar de termos nos debruçado sobre noções que trafegam pelo cotidiano das relações familiares para orientar as investigações até aqui, idéias como as de “crise de autoridade” e de “falta de limites”; e mesmo tendo nos baseado em trabalhos empíricos desenvolvidos por outros autores, constatamos apenas num nível mais teórico que o jovem das camadas médias urbanas pode encarnar papéis bastante diferentes daqueles que lhe reserva o senso comum.

Assim, pudemos perceber um jovem competente e responsável contrastando com aquela caricatura do romântico rebelde, um inconseqüente iconoclasta. Não que os mais moços tenham passado a desprezar o *carpe diem* protagonizado por seus pais. Ou melhor, não exatamente. O amor livre, o lisérgico e o letárgico, tal como vivenciados há três ou quatro décadas, perdem espaço, anacrônicos. O prazer dos jovens passa a ser planejado, gerenciado, estendido e maximizado por cada um deles: o bem-estar não deve estar espremido dentro dos “vinte e poucos”¹ primeiros anos de uma biografia individual, mas estendido tanto quanto possível. Ironicamente, quando comparado ao dos jovens de hoje, o hedonismo das décadas de 1960 e 1970 passa a ser visto como “coisa de criança”.

Como coloca um dos informantes da pesquisa de Almeida e Eugenio: “A diferença disso aqui [as *raves*] pra *Woodstock* é que segunda-feira eu tô lá

¹ Refiro-me aqui à categoria dos “*twenties something*”, tal como empregada por Almeida e Eugenio em seu trabalho empírico: “(...) uma escala etária inscrita em um certo padrão de autodefinição que trafega pelas imprecisões estatísticas traçadas entre a faixa que vai dos 20 aos 30 anos” (ALMEIDA & EUGENIO, 2006:36).

engomadinho no trabalho”². Assim, se os jovens chegam a ter os seus próprios limites – especialmente aqueles que adquirem através do consumo e de seus grupos de pares –, eles bem podem servir de parâmetro ético e estético e, indo um pouco mais adiante, transformar-se num ideal antropológico. Esta foi uma outra perspectiva que tentamos desenvolver. A seguir a sugestão de Maria Rita Kehl, esta representação do jovem como um asceta do gozo parece estar ganhando tónus simbólico por toda a sociedade, atraindo inclusive os mais velhos.

Ao adotar as pautas da disciplina e da responsabilidade com crescente desenvoltura, o jovem parece se orientar cada vez mais por uma série de conhecimentos que lhe garantiria ou, pelo menos, potencializaria o bem-estar e o êxito. Seja ao ingerir um comprimido de *ecstasy* numa *rave*, seja ao planejar a sua aposentadoria, ou melhor, ao ingerir a droga *enquanto* planeja seu descanso para dali a quarenta anos, o jovem se vê alicerçado num conjunto de dados, estudos, informações etc. que o faz fruir sem ruídos esta síntese entre um presente sensualmente prazeroso e um dever absolutamente esquadrinhado.

Nestes termos, a ciência não seria a única fonte de coordenadas para estes jovens, mas parece ser hoje uma das mais importantes. Desse modo, investigar a forma como ela lhes seria apresentada é um caminho aparentemente frutífero para compreender o modo como poderia ser por eles representada. Foi levando isso em consideração que decidimos nos debruçar etnograficamente sobre uma revista de divulgação científica voltada para jovens, como SUPER.

A relação especular que se mantém entre SUPER e aquele que a lê abre uma via de acesso até símbolos com os quais se identificaria o jovem leitor. Ainda que indiretamente, uma vez que não etnografamos as interpretações de primeira mão³ dos próprios jovens, isto nos permite tentar detectar significados através dos quais aquele que acompanha a publicação classifica e dá sentido ao mundo. Adotando o texto de SUPER como um discurso nativo, discurso que constitui um item de consumo do jovem, seria possível compreender melhor as próprias perspectivas do consumidor. Neste sentido, qual o símbolo a ser interpretado aqui, para que possamos compreendê-las? Numa palavra, a ciência. Mais especificamente, a noção de ciência presente em SUPER.

² ALMEIDA & EUGENIO, *ibid.*:156.

³ Em seu *Thick description: toward an interpretive theory of culture*, Clifford Geertz escreve: “In short, anthropological writings are themselves interpretations, and second and third order ones to boot. (By definition, only a “native” makes first order ones: it’s *his* culture.)” (GEERTZ, 1973:15).

Como proceder, então, visando ao significado que a ciência adquire nesta publicação? Voltaremos nosso foco para as seis primeiras edições do ano de 2007 da revista SUPER. Mais precisamente, para as seis reportagens de capa publicadas naquele semestre. Por se tratar de uma revista de divulgação científica, assuntos tão diversos quanto o *I Ching* e a disputa por alimento entre o *Homo sapiens* e o *Homo neanderthalensis* podem ser abrigados numa mesma edição. Se multiplicarmos esta variedade pelas seis edições eleitas como fonte primária de material empírico, deparamos com uma série bastante irregular de temas, o que dificulta uma abordagem uniforme. O recorte pelas reportagens de capa é, desse modo, tanto quantitativo como qualitativo. Elas são as maiores matérias da revista, contando em média 10 páginas cada uma⁴. De janeiro a junho de 2007, SUPER teve uma média de pouco mais de 100 páginas totais, quase 30 das quais sendo de publicidade de página inteira. Estamos diante, portanto, de quase 15% do conteúdo total da publicação no referido período.

Ademais, o primeiro semestre de 2007 chamou mais a atenção dos leitores da revista. É possível medir esta popularidade através do número de mensagens recebidas pela redação durante um mês, cifra divulgada mensalmente na seção “Desabafa”⁵. Assim, mesmo contando uma tiragem⁶ total maior e uma edição a mais que o primeiro semestre, o segundo teve um total menor de mensagens, quase 830 a menos. A média de mensagens do período que vai de julho a dezembro também foi menor: de janeiro a junho, a redação recebeu aproximadamente 1000 mensagens por mês, contra 740 do período subsequente.

Afora estes dados numéricos, é preciso levar em consideração que as matérias de capa têm um outro peso no conjunto de reportagens e notas divulgadas na revista, devido, em boa parte, a uma outra medida. O maior número de páginas possibilita um discurso mais pormenorizado e uma argumentação mais demorada. O tamanho destas reportagens, contudo, parece consequência – e não causa – do significado que elas possuem para o próprio leitor. Num mercado concorrencial, a propósito, pode-se sugerir que a reportagem de capa tenha papéis estratégicos para o sucesso comercial de uma publicação periódica. Através dela, a edição poderá tentar estabelecer uma espécie de empatia, conquistando aquele

⁴ Este e outros dados estatísticos podem ser conferidos no Apêndice 1. Cf. p.130.

⁵ Espaço em que o leitor se expressa, geralmente a propósito das matérias do mês anterior.

⁶ A tiragem é divulgada pela própria SUPER, na página dedicada a seu índice.

leitor casual ou mantendo o comprador regular.

É importante notar, não nos referimos aqui a cada um dos jornalistas responsáveis pela confecção das matérias de capa de SUPER. O que se etnografa aqui é o discurso do corpo de funcionários que se ocupa da realização da revista, mais precisamente, da representação sobre ciência elaborada coletivamente por este grupo de profissionais, publicada na revista e consumida pelo jovem. Se, como sugere Roberto DaMatta⁷, as etnografias são “descrições de sociedades”⁸, a sociedade que buscamos descrever, então, é uma coletividade indexada por “SUPER”; coletividade que, de fato, é composta por indivíduos-jornalistas, mas que, como nos ensina Émile Durkheim, não pode ser reduzida a nenhum deles. Cabe enfatizar, desse modo, SUPER serve-nos muito mais como um espelho que reflete uma representação sobre a ciência, representação que, acreditamos, integraria a visão de mundo mais ampla, a cultura do jovem das camadas médias urbanas brasileiras. Busca-se compreender, portanto, o que é o “superinteressante” para o qual muitos jovens voltam os seus olhares. Finalmente, ainda que indiretamente, não deixa de ser uma tentativa de compreensão destes próprios olhares.

3.1.

***Superinteressante*, uma revista de divulgação científica voltada para jovens**

Antes de passarmos à análise das reportagens propriamente ditas, parece lícito esclarecer se poderíamos lançar mão desta publicação como um instrumento de análise da cultura jovem hoje. Para tanto, debruçamo-nos sobre o próprio discurso de SUPER e nos perguntamos se esta é, realmente, uma revista de divulgação científica voltada para jovens. É necessário voltar no tempo para começar a responder esta questão.

Na edição de outubro de 1987, mês em que SUPER foi lançada, publicou-se uma “Carta ao leitor”, escrita por Victor Civita, então presidente da Editora

⁷ DAMATTA, R. “A obra literária como etnografia: notas sobre as relações entre literatura e antropologia”. In: _____. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, pp.35-58.

⁸ Id., *ibid.*:35.

Abril. Nela o autor apresenta a nova publicação ao leitor:

Por acreditarmos tanto no valor da descoberta e da acumulação do conhecimento científico e tecnológico quanto na importância de sua divulgação ao maior número de pessoas, estamos apresentando ao público brasileiro uma nova revista mensal⁹.

Não são estas palavras em si, mas a sua retomada em um passado bem mais recente que confirmaria e ratificaria a proposta inicial daquela carta de duas décadas atrás. Na edição de dezembro de 2006 este texto foi incluído na seleção das “20 melhores matérias da história da SUPER”¹⁰, o que estabeleceria uma espécie de continuidade entre o passado remoto da publicação e o seu presente. Poderíamos mesmo sugerir que esta carta acaba fazendo as vezes de um mito fundador de SUPER.

Há outro aspecto, desta vez gráfico, que permite estender um vínculo entre a SUPER de hoje e a de 1987 e, portanto, estendê-lo até a noção de divulgação científica. Desde a primeira edição, a capa da revista apresenta uma imagem, que ilustra a reportagem de capa, *sempre* emoldurada por tinta vermelha. Ou melhor, *quase* sempre. Há apenas uma exceção: a de uma das duas edições de dezembro de 2007¹¹. É necessário que se esclareça, não acompanho a revista, tampouco a coleção; portanto, não havia como eu atentar para este pormenor. Quem chama a atenção para o caráter extraordinário da tinta verde empregada para contornar a imagem da capa daquele mês e quem, além disso, parece cultivar a continuidade histórica da moldura vermelha é a própria publicação:

(...) a maior contribuição à ecologia que um veículo jornalístico pode dar é estimular o debate, fazer circular idéias, ajudar na conscientização. É nesse campo que temos bola para realmente fazer a diferença. E é por isso que decidimos fazer desta uma edição histórica, em que pela primeira vez SUPER trocou sua tradicional moldura vermelha pelo verde que você viu na capa¹².

Outro índice desta continuidade pode ser achado na seção de mensagens do leitor, “Desabafa”, durante o ano de 2007. Ali, no âmbito das comemorações

⁹ CIVITA, V. “Carta ao leitor”. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2006/sumario-edicao-234.shtml#capas> (acessado em 29/04/2008).

¹⁰ SUPERINTERESSANTE, ed. 234: Capa.

¹¹ Desde 2004, SUPER fecha duas edições no mês de dezembro.

¹² Id., ed. 247:16.

dos vinte anos completados por SUPER, publicaram-se relatos de leitores que teriam acompanhado parte significativa do percurso da revista. Na edição de fevereiro, a publicação convoca seus leitores: “Se você lê a SUPER desde pequeno, escreva sua história para gente! A cada edição de 2007, publicaremos cartas de leitores que viveram os 20 anos da revista”¹³.

Também podemos perceber este contínuo simbólico no lançamento do “Superarquivo”. Em 2007, ainda em celebração aos seus vinte anos, SUPER começou a disponibilizar todas as reportagens da história da publicação para consulta gratuita em seu site na internet. Na seção do site dedicada ao “Superarquivo” é possível depararmos uma vez mais com uma representação de continuidade:

*20 anos de Super[:] A Superinteressante oferece todo o seu acervo de textos gratuitamente! São mais de 12 mil páginas com as matérias de capa e algumas das seções que construíram a história da revista. (...) Só mesmo uma revista tão Super poderia fazer isso!*¹⁴

E a própria interface de navegação do “Superarquivo” também é reveladora desta extensão no tempo. Pode-se iniciar uma pesquisa por ano e mês, por exemplo, e dali partir para qualquer outra edição linearmente, para trás ou para frente no tempo, clicando sobre duas setas horizontais, uma voltada para a esquerda e a outra, para direita. Não há quebras, nem rupturas.

A esses indicadores de que SUPER consistiria numa revista de “divulgação científica” podemos acrescentar outros que nos permitem descobri-la como uma revista de divulgação científica “voltada para jovens”. De início, de acordo com a própria Editora Abril, SUPER estaria enquadrada sob a rubrica “Jovem” dentro do seu universo de publicações¹⁵. Finalmente, na edição de setembro de 2007, por exemplo, numa matéria que tematiza as transformações ocorridas no mercado editorial com a massificação da internet, a própria publicação traça um breve perfil de seu leitor ao tentar responder se a revista

¹³ Id., ed. 236:10.

¹⁴ Disponível em: http://super.abril.com.br/superarquivo/index_superarquivo.shtml (acessado em: 29/06/2008).

¹⁵ A classificação interna da editora é a seguinte: “Veja”, “Negócios e Tecnologia”, “Núcleo Consumo”, “Núcleo Contemporâneo”, “Núcleo Bem-Estar”, “Núcleo Jovem”, “Núcleo Infantil”, “Núcleo Cultura”, “Núcleo Homem”, “Núcleo Casa e Construção”, “Núcleo Celebridades”, “Núcleo Motor Esportes”, “Núcleo Turismo” e “Fundação Vitor Civita”. Esta informação pode ser obtida numa coluna com dados sobre a editora e a revista, presente, ao que parece, em qualquer exemplar de SUPER. No caso, utilizamos aquela da edição de fevereiro de 2007, edição 243, p.11.

atingirá trinta anos de existência, já que ali completava vinte:

*A SUPER vai fazer 30 anos porque tem os elementos que estão levando as revistas para a frente. Tem leitores jovens (29 anos, em média) que realmente se interessam pelo que está dentro da revista*¹⁶.

3.2.

Análise etnográfica das reportagens de capa

Como já foi dito anteriormente, as reportagens de capa sob exame ocupam, em média, 10 páginas em SUPER. Este espaço, contudo, não está preenchido exclusivamente com texto corrido. Há gráficos e boxes informativos complementando o conteúdo principal da matéria, além de algumas indicações bibliográficas. Para que se tenha uma idéia mais precisa, se se adapta o texto¹⁷ de uma dessas reportagens às mesmas normas que regem a formatação da presente dissertação, obtém-se pouco menos de 10 laudas como esta. Além da referência óbvia ao texto ali presente, dois elementos pré-textuais são levados em consideração na análise aqui desenvolvida, a saber, as descrições das reportagens que constam na capa e no índice da publicação.

Embora sejam apenas seis as peças investigadas, seus temas são bastante diversos, o que inibe uma classificação em tipos. Para contornar esta dificuldade, tenta-se reproduzir aqui o caminho mais linear que teria percorrido um possível leitor de SUPER até chegar ao texto principal das reportagens de capa. Como introdução ao material empírico, portanto, talvez valha a pena apresentá-las uma a uma, tal como o são pela própria publicação nas capas, nos índices e nos lides das matérias. Desse modo, em janeiro de 2007, temos os seguintes textos:

I Ching[:] A fascinante história do livro mais antigo do mundo.

I Ching[:] O livro mais antigo do mundo já foi usado como guia espiritual e até como manual de governo. Saiba por que algo escrito na China de 3 mil anos atrás continua tão atual.

I Ching[,] o livro mais antigo do mundo[:] Nos últimos 3 mil anos, os 64

¹⁶ SUPERINTERESSANTE, ed. 243:36.

¹⁷ Excetuando-se os textos dos gráficos e dos boxes. Estes dados, no entanto, serão levados em consideração em nossas análises.

hexagramas chineses foram guia espiritual, manual de governo e fonte para a ciência moderna. Conheça essa misteriosa história¹⁸.

Em fevereiro:

Lost e o fim da TV[:] A TV que você conhece vai acabar. O fenômeno Lost ajuda a entender por que e aponta o que surgirá no lugar.

Deciframos 7 segredos da série![:] O significado dos números. O que a Dharma faz na ilha. Quem são os Outros. E mais...

Lost[:] Boa parte da trama mais comentada da TV não está na TV. Existe só na internet e depende do trabalho dos fãs. Isso porque a televisão que você conhece está morrendo. Ser espectador não basta. Agora todos são autores.

Lost e o fim da TV[:] Um dos maiores sucessos da televisão vai destruir a própria TV. Entenda como, saiba o que vai mudar e veja por que você será um dos protagonistas desta história¹⁹.

Em março:

Espíritos[:] Para a ciência, eles não existem e pronto. Mas, então, por que tanta gente afirma receber visitas dos mortos? Será que a resposta está apenas no cérebro?

Espíritos[:] A crença no sobrenatural está marcada na história da maioria das civilizações. Agora a ciência tenta achar uma explicação razoável para as aparições de mortos.

Eles vêem espíritos[:] Para a ciência, ver e ouvir fantasmas não tem nada de sobrenatural: tudo é criado pelo cérebro. Agora os cientistas tentam explicar por que tanta gente, em diferentes épocas e civilizações, afirma ver espíritos²⁰.

Em abril:

Esparta[:] Uma cidade tirânica, militarizada, intolerante? Ou o verdadeiro berço da democracia e do Ocidente, injustiçado pela História? Saiba a verdade sobre a cidade mais polêmica da Antiguidade.

A verdade sobre Esparta[:] O povo podia eleger seus políticos e as mulheres tinham direitos. A cidade de lendas sanguinárias era muito mais do que você imagina.

A outra Esparta[:] Ela era mais democrática do que se imagina e tão heróica quanto as lendas contam. Conheça a verdade da cidade mais controversa da

¹⁸ SUPERINTERESSANTE, ed. 235: Capa, índice e p.41.

¹⁹ Id., ed. 236: Capa, índice e p.44.

²⁰ Id., ed. 237: Capa, índice e p.53.

*Grécia antiga*²¹.

Em maio:

A história secreta da Igreja[::] Os assassinos, santos, devassos e heróis que fizeram a história da organização mais antiga do mundo: o Vaticano.

Lado B da igreja[::] Guerreiros, corruptos e santos. A Igreja tem um pouco de tudo que aconteceu nos últimos 2000 anos de história. Ou você acha que o Vaticano só se ocupou representando Cristo?

*Vaticano[,] uma biografia não autorizada[::] Nenhuma história diz tanto sobre os últimos 2000 anos deste planeta quanto a da Igreja. Pelos corredores do Vaticano passaram reis, guerras, o melhor da arte e até alguns santos*²².

E, finalmente, em junho:

Darwin[::] O homem que matou Deus[::] Há 150 anos, Darwin descobriu como a vida pode existir sem a intervenção divina. Agora a Teoria da Evolução está sendo usada para explicar mistérios ainda maiores – e as revelações são assustadoras.

O homem que matou Deus[::] Darwin teve a idéia mais poderosa de todos os tempos: a evolução é o mais próximo que chegamos de entender a vida sem a intervenção divina. E essa idéia está cada dia mais forte.

*Evolução da evolução[::] Uma idéia simples resolveu o mais complexo dos mistérios: o sentido da vida. Agora cientistas usam Darwin para desvendar mistérios maiores: da mente à origem do Universo. E o que eles encontraram é assustador*²³.

É possível observar, portanto, os temas variam muito entre si. Este fato editorial impõe uma aparente dificuldade. Por um lado, “ciência”, “científico” ou “cientista” nem sempre são citados nominalmente. Por outro, algumas destas reportagens dedicam-se explicitamente à divulgação de conceitos científicos. Este contraste fica patente, por exemplo, quando comparamos os conteúdos das edições de fevereiro e de junho, a primeira reportagem debruçando-se sobre os meios de comunicação e o seriado televisivo *Lost*²⁴, a última, sobre a teoria da evolução em Charles Darwin e em neodarwinistas como Richard Dawkins.

²¹ Id., ed. 238: Capa, índice e p.64.

²² SUPERINTERESSANTE, ed. 239: Capa, índice e p.59.

²³ Id., ed. 240: Capa, índice e p.60.

²⁴ *Lost* é um seriado televisivo exibido nos EUA pela rede americana *American Broadcasting Company* (ABC Inc.) desde 2004; no Brasil, são a Rede Globo de Televisão e o canal por assinatura AXN que a transmitem.

Se se adota um recorte rigorosamente lexical, ou seja, se se considera de divulgação “científica” apenas uma matéria que apresente paradigmas e teorias elaborados por indivíduos reputados “cientistas” ou, ainda, trabalhos produzidos por instituições de pesquisa comumente representadas “científicas”, corre-se o risco de reproduzir um preconceito sobre o que seja “ciência”, distorcendo-se o discurso nativo. Ignorar uma reportagem que se dedique à compreensão da televisão e do entretenimento contemporâneos seria limitar a ciência a uma série arbitrária de temas logo de saída. Desse modo, ainda que seja senão mais fácil, mas mais cômodo mobilizar exclusivamente uma matéria como a de junho para acessar a representação de ciência presente em SUPER, corre-se o risco de uma interpretação enviesada. Como, então, apreender o significado adquirido pela ciência nesse discurso que, à primeira vista, se apresenta multifacetado?

Inicialmente, realizaremos uma etnografia para cada uma dessas reportagens. Respeitando a temática e o ritmo interno dos textos, buscaremos, conforme a proposta de Geertz, “[sort] out the structures of signification”²⁵ ali presentes. Desse modo, será possível observar os matizes característicos das matérias, evitando-se, além disso, uma interpretação monolítica e possivelmente reducionista do discurso de SUPER. A partir destas análises, então, tenta-se uma síntese em busca de uma “structure of signification” mais ampla, mas não por isso desprovida dos detalhes que eventualmente emergirão nas interpretações individuais.

²⁵ De acordo com Geertz, a análise etnográfica consiste em “sorting out the structures of signification (...) and determining their social ground and import” (GEERTZ, *ibid.*:9). Optamos pelo texto em inglês nesta passagem, uma vez que a tradução para o português parece atribuir uma margem de manobra analítica muito ampla ao investigador: “A análise é, portanto, *escolher* entre as estruturas de significação (...) e determinar sua base social e sua importância” (*id.*, 1989:19, meu grifo).

3.2.1.

Janeiro de 2007:

Como o sugere a capa da edição de janeiro de 2007, SUPER propõe-se fornecer um relato sobre a história do *I Ching*: “A fascinante história do livro mais antigo do mundo”²⁶. O lide da matéria resume e sugere: “Nos últimos 3 mil anos, os 64 hexagramas chineses foram guia espiritual, manual de governo e fonte para a ciência moderna. Conheça essa misteriosa história”²⁷. Partindo, então, da lenda que teria dado origem ao livro no século 30 a.C., na China, a matéria segue o percurso da obra durante todo esse tempo até o presente.

Pode-se dizer, o argumento da reportagem se desenvolve sobre dois eixos. Por um lado, preocupa-se em introduzir o leitor ao texto do *I Ching*, não de maneira exaustiva, mas fornecendo chaves de leitura para um eventual aprofundamento. SUPER procura dissipar uma névoa de ignorância que paira sobre o livro, admitindo existir ali uma “sabedoria oculta”²⁸, que os hexagramas são “enigmáticos”²⁹ e que algumas das interpretações presentes no próprio *I Ching* para estes símbolos acabam por lhes aprofundar o “mistério”³⁰. Ao ler a reportagem, então, o leitor fica sabendo como “funciona”³¹ o *I Ching*, e a revista chega mesmo a disponibilizar um tutorial de consulta aos hexagramas³². Por outro lado, a reportagem dá conta também da própria história da China até os dias de hoje, uma vez que o aparecimento do *I Ching* estaria estreitamente vinculado ao surgimento da “civilização chinesa”³³:

*O livro caminhou junto com a história da China. Ajudou a criar religiões orientais, como o taoísmo, foi a principal fonte de inspiração do pensador chinês Confúcio e serviu como elemento unificador do país durante o século 3 a.C.*³⁴

²⁶ SUPERINTERESSANTE, ed. 235: Capa.

²⁷ Id., ibid.:41.

²⁸ Id., ibid.:42. Para fins de clareza, segue uma citação mais extensa: “Em diversos impérios que ocupavam o território da atual China, ninguém questionava o poder dos hexagramas – mas a maneira de interpretar sua sabedoria oculta variou imensamente”.

²⁹ Id., ibid., loc. cit. “O significado dos trigramas era relativamente simples (...). Dois símbolos combinados, por outro lado, eram enigmáticos”.

³⁰ Id., ibid., loc. cit. “O problema é que as tais explicações, na maior parte das vezes, são tão confusas que só aprofundam o mistério”.

³¹ Id., ibid.:43, boxe.

³² Cf. o boxe “Os hexagramas em 6 passos” (p.43).

³³ Id., ibid.:44, boxe.

³⁴ Id., ibid.:42. Cf., além disso, o boxe “*I Ching*, o subversivo” (p.47), onde se discorre sobre o livro após o Partido Comunista Chinês ter assumido o poder naquele país.

Mais que o mero relato factual, contudo, é possível sugerir que a matéria tenta atar estas duas histórias – a do *I Ching* e a da China – e esta cultura – a “cultura oriental”³⁵ –, a princípio “misteriosas”, à história e à cultura ocidentais: “Saiba por que algo escrito na China de 3 mil anos atrás continua tão atual”³⁶, “[O *I Ching*] Também deixou herança não apenas na matemática ocidental”³⁷ ou, como já vimos no lide, “os 64 hexagramas chineses foram (...) fonte para a ciência moderna”. É através da ciência, a propósito, que SUPER parece estender este vínculo.

De acordo com SUPER, a relação complementar entre o *yin* e o *yang* – as forças cósmicas que ensejariam a transformação contínua do universo – fundamentaria a construção dos hexagramas do *I Ching*, o *yin* sendo representado por linhas quebradas (- -) e o *yang*, por linhas inteiras (-). O livro, então, é apresentado como uma “primitiva tabela binária”³⁸ ou um “rudimento neolítico de ciência da computação”³⁹, isto é, como um precursor do código binário. Este último, aliás, teria uma origem precisa e bem delineada, diferentemente do *I Ching*, que, reza uma lenda, surgiu há 30 séculos:

*Esse sistema [o código binário] foi cunhado no século 18 pelo matemático alemão Gottfried Wilhelm Leibniz, mas sua origem, segundo o próprio Leibniz, é muito mais antiga. Está em um livro chinês de adivinhação e consulta espiritual (...): o I Ching, o Livro das Mutações*⁴⁰.

Leibniz, por sua vez, além de matemático, é apresentado como “o primeiro grande cientista europeu a se interessar pela civilização da China”⁴¹. Aos poucos, então, o *I Ching* perde o seu estatuto “misterioso” e é acomodado dentro de uma baliza que, se não é conhecida com grande detalhe pelo leitor, soa-lhe ao menos familiar. Migra-se, assim, “da filosofia antiga para os braços da ciência moderna”⁴². Neste sentido, é significativo que, em nenhum momento, Leibniz seja reputado filósofo, noção bastante comum a seu respeito, mas matemático, cientista

³⁵ Id., *ibid.*:46. “Traços da cultura oriental, como o budismo, o yoga e o *I Ching*, entram nessa onda, assim como o Santo Daime e seitas neopentecostais”.

³⁶ Id., *ibid.*: Índice.

³⁷ Id., *ibid.*:42.

³⁸ Id., *ibid.*:49.

³⁹ Id., *ibid.*:49.

⁴⁰ Id., *ibid.*:42, grifo no original.

⁴¹ Id., *ibid.*, loc. cit.

⁴² Id., *ibid.*:46.

ou, ainda, “cortesão, diplomata e acadêmico”⁴³.

A partir daí, SUPER elenca uma série de associações entre o *I Ching* e a cultura e a ciência ocidentais contemporâneas, seja na genética: “Pode ser só coincidência matemática – assim como as complicadíssimas semelhanças entre os 64 hexagramas e as 64 possíveis combinações de proteínas do código genético”⁴⁴; seja na psicanálise: “‘O *I Ching* está mais ligado ao inconsciente que à atitude racional da consciência’, escreveu em 1949 o psicanalista Carl Jung, que usava o livro em sessões de análise”⁴⁵; ou, principalmente, na física quântica: “Para o físico Niels Bohr, a obra está na raiz da física quântica, um dos principais pilares da ciência atual”⁴⁶ ou “No início do século 20, com os estudos de cientistas como Albert Einstein, James Maxwell e Niels Bohr, a coisa ficou ainda mais parecida com o *I Ching*”⁴⁷.

O estilo com que SUPER aponta algumas destas conexões também é simbólico de uma transição entre uma realidade desconhecida e uma outra, reconhecível. Cria-se uma espécie de suspense, de anticlímax, seguido de uma abrupta revelação. Assim, por exemplo, quando SUPER informa ao seu leitor que Carl Jung consultava o *I Ching*, não o faz de uma vez, mas através de uma digressão, contando um breve episódio, aparentemente redundante: “Sentado no chão do pátio, à sombra de uma pereira centenária, o sábio lança varetas e consulta os oráculos do *I Ching*”⁴⁸. De início anônimo, o personagem tem sua identidade revelada pouco depois:

*A cena descrita acima não se passa na China antiga, mas em um pequeno castelo na cidadezinha de Bollingen, na Suíça, durante o verão de 1920. O sábio sentado no chão é o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, um pioneiro no estudo do inconsciente humano no século 20*⁴⁹.

Algo semelhante ocorre quando se detalha a relação de Niels Bohr, e da física quântica, com os hexagramas contidos no livro: “Niels Bohr (1885-1962), um dos pais da física quântica, sabia das semelhanças entre sua ciência e certo livro antigo da China”. Curiosamente, trata-se do último parágrafo da reportagem

⁴³ Id., *ibid.*:46.

⁴⁴ Id., *ibid.*:49.

⁴⁵ Id., *ibid.*:42.

⁴⁶ Id., *ibid.*:49.

⁴⁷ Id., *ibid.*, loc. cit., grifo no original.

⁴⁸ Id., *ibid.*:48, *boxe*.

⁴⁹ Id., *ibid.*, loc. cit.

e, ainda que retórica, há ali uma lacuna a preencher. Afinal, que “certo livro antigo” é esse? A peripécia e a resposta vêm logo adiante, encerrando a matéria:

Bohr ajudou a derrubar a noção de que as leis que regem o Cosmos são independentes da matéria - em vez disso, hoje se acredita que essas leis emanam da própria energia em mutação que forma o mundo. Idéia que pode ser resumida no seguinte lema: “As leis naturais não são forças externas às coisas, mas representam a harmonia e o movimento inerente às próprias coisas”. Note bem: essa frase não saiu de um livro de física. É um trecho do I Ching⁵⁰.

Se, conforme sugerimos acima, a reportagem examinada assenta sobre dois eixos, pode-se dizer também que ambos estariam subordinados a uma tentativa de explicação sobre o que seja o *I Ching*. Desse modo, ao contrário do que poderia insinuar uma leitura casual da capa da revista, por exemplo, a matéria não consistiria apenas numa relação de fatos históricos. Pode-se perceber uma postura investigativa permeando o fio do argumento. Tomado num primeiro momento como uma realidade enigmática, o livro vai aos poucos sendo esquadrihado e, enquanto enigma, resolvido. A solução encontrada por SUPER parece ser uma aproximação entre realidades tomadas comumente como distantes, algo como uma solução de continuidade histórica.

Aquela história “misteriosa” é, afinal, um segmento da história do próprio leitor, uma vez que o *I Ching* estaria nas origens do código binário e “sem esses dois números [zero e um] em combinações intermináveis, o mundo de hoje seria chatíssimo”⁵¹ ou “a civilização digital de hoje em dia não existiria”⁵². Ademais, as correspondências apontadas entre o que é representado como uma “sabedoria oculta” e a “ciência atual” – a genética, a psicanálise ou a física quântica, por exemplo – parecem desmitificar retroativamente o *I Ching* e legitimá-lo, ao menos parcialmente, como uma teoria explicativa da realidade: “As novas teorias [de Einstein, Maxwell e Bohr] pintaram um Universo parecido com o proposto pelos místicos chineses”⁵³. Ainda que dedique mais espaço a esta solução de continuidade, deve-se atentar para o fato de que SUPER chega a ensaiar uma explicação de descontinuidade, onde o *I Ching* estaria inserido num contexto de relativização e ressignificação das tradições:

⁵⁰ Id., *ibid.*:49, grifo no original.

⁵¹ Id., *ibid.*:42.

⁵² Id., *ibid.*:49.

⁵³ Id., *ibid.*:49.

Hoje, o interesse dos ocidentais pelo I Ching pode ser explicado pelo fenômeno conhecido como pós-modernismo. Em vez de seguir religiões tradicionais que fornecem verdades únicas, cada vez mais se opta por crenças exóticas, sem normas rígidas e que não exigem engajamento. Traços da cultura oriental, como o budismo, o yoga e o I Ching, entram nessa onda, assim como o Santo Daime e seitas neopentecostais⁵⁴.

A publicação, entretanto, não desenvolve esta perspectiva, privilegiando a recapitulação histórica que liga, mas sem os igualar, presente e passado, resolvendo o último, misterioso, em função do primeiro, uma realidade que, pelo menos no espaço desta reportagem, não parece ser problematizada. Ou melhor, o *I Ching* não é apresentado tal como é apropriado nos dias de hoje, mas como uma prática ou símbolo pretérito bem demarcado, um “traço” “exótico” que pode ser mobilizado no âmbito de um “pós-modernismo”, de um presente. Talvez seja possível insinuar, então, que se trate de uma explicação evolucionista, onde, na tentativa de se compreender um *I Ching* de “hoje” – o *I Ching* que entraria na onda do “pós-modernismo” –, não se o insere num sistema simbólico de “hoje”. Busca-se, ao contrário, interpretar o *I Ching* de “ontem” a partir de um sistema simbólico de “hoje”, mais precisamente, a partir daquilo que é representado como “ciência moderna”⁵⁵ ou como “ciência atual”⁵⁶. Nesses termos, conforme Roberto DaMatta⁵⁷,

(...) a sociedade que não conheço, que percebo como estranha a mim e aos meus que, no entanto, é minha contemporânea, fica reduzida nesta forma de pensamento a uma etapa pela qual minha sociedade já passou⁵⁸.

Disso não se deve depreender que a reportagem de SUPER seja um manifesto evolucionista, uma vez que existem nuances compreensivas no texto, por exemplo, os depoimentos do monge budista brasileiro Gustavo Alberto Corrêa Pinto. Ainda que suas falas limitem-se a aspectos doutrinários – “linhas inteiras representavam o céu, enquanto linhas interrompidas indicavam a terra”⁵⁹ – ou históricos – “atacado, proibido e perseguido, o *I Ching* só não desapareceu na

⁵⁴ Id., *ibid.*:46, grifos no original.

⁵⁵ Id., *ibid.*:41; 46.

⁵⁶ Id., *ibid.*:49.

⁵⁷ DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

⁵⁸ Id., *ibid.*:98

⁵⁹ SUPERINTERESSANTE, *ibid.*:43.

China por ter sido preservado na clandestinidade, pelo uso popular”⁶⁰ –, ainda assim, por si só, a presença no texto de um brasileiro que é monge, além de budista, já dá testemunho do que a própria SUPER entende por “pós-modernismo”.

Por seu turno, as participações do lingüista Richard Rutt e do sinólogo Steve Marshall, se sugerem uma preocupação da revista com os possíveis significados do livro para os chineses sob a dinastia Chou, esta parece estar subordinada à aura de mistério ao redor do *I Ching*, o que, pode-se dizer, acabaria por alimentar aquela tônica evolucionista: “os textos eram tão ambíguos que praticamente qualquer interpretação podia ser dada a eles”⁶¹ ou “ele [o *I Ching*] tem uma narrativa oculta por trás de muitas de suas sentenças enigmáticas”⁶².

3.2.2.

Fevereiro de 2007:

O tema da reportagem do mês de fevereiro de 2007 são as transformações por que viriam passando as mídias, especialmente a televisão, desde o advento da popularização da internet nos anos 1990 ou, numa perspectiva mais ampla, as mudanças ocorridas no *modus operandi* da indústria da comunicação e do entretenimento desde a democratização das tecnologias da informação, que, pelo menos nos países mais ricos, começaria a se acentuar a partir de fins dos anos 1980. Neste sentido, segundo Henry Jenkins⁶³, as relações de produção e de consumo nessa área se caracterizam atualmente por uma maior horizontalidade entre as grandes empresas produtoras e o seu consumidor final, condição que ele denomina “the horizontal integration of the entertainment industry”⁶⁴. Assim, ainda conforme o autor, a intervenção do consumidor sobre o produto, sobre o conteúdo que consome só fez crescer, tornando-se bastante fluida, portanto, a fronteira entre produtor, anunciante, vendedor e comprador, este último cada vez

⁶⁰ Id., *ibid.*:47.

⁶¹ Id., *ibid.*:45.

⁶² Id., *ibid.*:46.

⁶³ JENKINS, H. *Fans, bloggers and gamers: exploring participatory culture*. Nova Iorque: New York University Press, 2006. A propósito de Henry Jenkins, ele ocupa a cátedra *DeFlorz Professor of Humanities* no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), e é o fundador e diretor do *Comparative Media Studies Program* nesta mesma instituição (*id.*, *ibid.*: Quarta capa).

⁶⁴ Id., *ibid.*:147.

mais atuante:

*New technologies are enabling average consumers to archive, annotate, appropriate, and recirculate media content. Powerful institutions and practices (law, religion, education, advertising, and politics, among them) are being redefined by a growing recognition of what is to be gained through fostering – or at least tolerating – participatory cultures*⁶⁵.

Parece ser neste contexto, então, que SUPER afirma já na capa da edição: “Lost e o fim da TV[:] A TV que você conhece vai acabar. O fenômeno *Lost* ajuda a entender por que e aponta o que surgirá no lugar”⁶⁶; mas também no índice:

*Lost[:] Boa parte da trama mais comentada da TV não está na TV. Existe só na internet e depende do trabalho dos fãs. Isso porque a televisão que você conhece está morrendo. Ser espectador não basta. Agora todos são autores*⁶⁷.

E no lide da matéria: “Lost e o fim da TV[:] Um dos maiores sucessos da televisão vai destruir a própria TV. Entenda como, saiba o que vai mudar e veja por que você será um dos protagonistas desta história”⁶⁸.

Desse modo, é possível sugerir que a reportagem se assemelhe a um estudo de caso, onde a série *Lost* adquiriria um valor paradigmático na compreensão das alterações sofridas pela televisão nos últimos anos. É através da análise das características da produção, distribuição e recepção deste programa que SUPER tentará apresentar as inflexões responsáveis pelo que seria o fim da televisão como esta é atualmente conhecida; seu lugar seria ocupado pela “TV 2.0”⁶⁹, por uma “nova TV”⁷⁰. Trata-se, portanto, de uma narrativa revolucionária: há uma tradição, no caso, uma maneira de representar a televisão enquanto um meio de comunicação, que, atacada por uma outra, nova, irá desvanecer, sendo substituída. Quando introduz seu argumento, a própria SUPER sugere: “Para entender melhor essa *revolução*, voltemos ao dia 9 de novembro de 2006, logo após a exibição do 6º episódio da 3ª temporada de *Lost*”⁷¹.

⁶⁵ Id., *ibid.*:1.

⁶⁶ SUPERINTERESSANTE, ed. 236: Capa, grifo no original.

⁶⁷ Id., *ibid.*: Índice.

⁶⁸ Id., *ibid.*:44.

⁶⁹ Id., *ibid.*, loc. cit.

⁷⁰ Id., *ibid.*:44.

⁷¹ Id., *ibid.*:46, meu grifo; grifo no original.

Além disso, o próprio estilo de SUPER, por vezes, acaba por dar cores mais vívidas a esta perspectiva de ruptura. Depois de discorrer durante um parágrafo com bastante minúcia sobre alguns aspectos da trama de *Lost*, por exemplo, o texto inicia um novo parágrafo e anuncia: “Detalhe: quem apenas assiste à série na TV nunca ouviu falar nesse tal Jacob Vanderfield”⁷². Mais adiante, numa fórmula bastante parecida, inicia-se novo parágrafo “E surpresa: as inscrições [em um mapa] respondiam mistérios cruciais da ilha”⁷³. Noutro momento, quando se discute sobre a pirataria e, mais precisamente, sobre os mecanismos de defesa utilizados pelas empresas produtoras de séries como *Lost*, SUPER conclui: “Ah, claro: não adianta nada”⁷⁴, uma vez que o sinal emitido pela ABC Inc. poderia ser sintonizado ao vivo através de um computador, “Isso mesmo: ao vivo”⁷⁵. Há outras passagens similares⁷⁶, mas talvez nenhuma tão significativa quanto esta, que prenuncia uma explosão literalmente: “Quando isso virar realidade, poderemos estar perto da próxima bomba: o fim dos canais de TV”⁷⁷.

Assim como o seriado *Lost* é apontado por SUPER como uma via explicativa para o “fim da TV”, o site *YouTube*⁷⁸, por seu turno, é indicado pela publicação como um modelo alternativo de televisão: “Se a interatividade de *Lost* prepara o fim da ‘TV 1.0’, o *YouTube* é o grande protótipo da ‘TV 2.0’”⁷⁹. Então, mesmo adotando uma tônica iconoclasta – “o fim da TV”, “um dos maiores sucessos da televisão vai destruir a TV” etc. –, a reportagem não deixa de assinalar um caminho possível, senão provável, para os modos de transmitir informação – e entretenimento – que surgirão a partir da falência daquela forma antiga.

Não se poderia dizer, entretanto, que SUPER chegue a fornecer respostas para todas as perguntas que levanta. Isto parece ficar evidente na última subseção

⁷² Id., *ibid.*, loc. cit.

⁷³ Id., *ibid.*:47.

⁷⁴ Id., *ibid.*:48.

⁷⁵ Id., *ibid.*, loc. cit.

⁷⁶ Cf., por exemplo, “Mas nada deu tanta voz a tanta gente quanto o maior fenômeno de mídia do século 21. Ele mesmo: o *YouTube*” (p.49, grifo no original).

⁷⁷ Id., *ibid.*:50.

⁷⁸ O *YouTube* é um site na internet que disponibiliza o *download* e o *upload* gratuito de vídeos por seus usuários. Desde 2005, de acordo com a própria SUPER, “a ferramenta ganhou tanta notoriedade que, em pouco mais de um ano, se transformou numa marca conhecida em praticamente todos os cantos do mundo” (p.49).

⁷⁹ Id., *ibid.*:49, grifo no original.

da matéria, chamada “E a grana?”. Nela, a publicação faz referência às dificuldades de financiamento suscitadas pela “quebra de barreiras”⁸⁰ decorrente da “invasão da internet aos domínios da TV”⁸¹. Com a diversificação da oferta de emissões televisivas e mesmo com o advento de serviços como o *YouTube*, onde cada espectador é um potencial produtor de conteúdo, os anunciantes estariam investindo cada vez menos recursos no entretenimento audiovisual realizado para televisão, já que vai se tornando mais e mais simples contornar o tempo de publicidade inserido no decorrer de uma atração, não se evitando apenas os reclames, mas também ao se assistir a programas concorrentes:

*Como o espectador já tem dezenas de opções, não hesita em mudar de canal quando entram os comerciais. E os anunciantes fogem. O buraco da internet é ainda mais embaixo, porque ninguém imaginou até agora um jeito eficiente de fazer dinheiro com os sites de compartilhamento de vídeo, e muito menos com a troca de arquivos*⁸².

É este “buraco”, aliás, que SUPER deixa em aberto ao fim da matéria. Apesar de tomar em consideração o importante papel que passam a desempenhar os “nichos de mercado”⁸³, ou seja, aquele público menos numeroso que acompanha mais de perto e seletivamente determinados produtos e atrações, a publicação não apresenta uma saída para o impasse da evasão dos anunciantes. E ainda que se vislumbre a regulação ulterior de uma situação atualmente incerta, pode-se dizer que colocar uma questão, mais precisamente um “mistério”, sem solução no encerramento da reportagem é significativo desta abordagem problematizadora de SUPER:

*O futuro da publicidade e o do entretenimento andam de mãos dadas. Se um parar, o outro empaca. E, por enquanto, a solução para problemas como o do YouTube⁸⁴ está longe. A TV está mudando, mas o que será dela é um mistério ainda mais difícil do que responder o que, afinal de contas, está acontecendo na ilha. Alguma teoria?*⁸⁵

Aqui cabe inserir uma nuance na análise da matéria. Se o argumento de SUPER parece realmente tender para a problematização, este último parágrafo se

⁸⁰ Id., *ibid.*:48.

⁸¹ Id., *ibid.*, loc. cit.

⁸² Id., *ibid.*:51.

⁸³ Id., *ibid.*, loc. cit.

⁸⁴ Segundo a própria SUPER, o *YouTube* “dá prejuízo de US\$ 500 mil todo mês” (p.51).

⁸⁵ Id., *ibid.*:51.

refere por analogia a um outro mistério, isto é, a condição de ignorância que atingiria a maioria das pessoas que assistem a *Lost*, que não saberiam precisamente o que se passa na ilha onde se desenrola a ação do seriado⁸⁶. Neste sentido, o último parágrafo da reportagem serviria como uma “deixa” para uma espécie de anexo que segue a reportagem: “7 segredos de Lost[:] Informações extras dos produtores e teorias de fãs ajudam a desvendar alguns mistérios”⁸⁷. Esta extensão consistiria numa tentativa da publicação de encaixar, ela mesma, algumas peças “no quebra-cabeça da série”⁸⁸, como também está anunciado na capa da revista: “Deciframos 7 segredos da série!”.

Desse modo, se a ênfase que havia predominado até ali era a da dúvida, nesta parte abre-se espaço para o esclarecimento, para as certezas. No entanto, como se salientou, trata-se muito mais de um matiz da matéria como um todo. Apesar deste “anexo” ocupar um espaço considerável da reportagem de capa (quatro páginas), os únicos argumentos desenvolvidos aqui seriam os necessários para que se decifrassem aqueles sete segredos do enredo⁸⁹, não havendo, portanto, uma continuidade discursiva entre esta parte do texto e aquela primeira, que versa sobre o “fim” da televisão.

3.2.3.

Março de 2007:

A reportagem do mês de março de 2007 toma os “espíritos”⁹⁰, o “sobrenatural”⁹¹, enfim, os “chamados fenômenos paranormais”⁹² como temática. A princípio, o fio condutor da matéria parece consistir numa tensão – ou até numa incompatibilidade – que se estabeleceria entre dois tipos de discurso: por um lado, um discurso representado como científico, apoiado especialmente na psiquiatria e na neurologia, e, por outro, um discurso supostamente mítico-religioso, mais

⁸⁶ Aliás, esta fórmula “o que, afinal de contas, está acontecendo na ilha” já havia aparecido duas vezes antes da conclusão da reportagem. Cf. p.44, §3 e p.46, §6.

⁸⁷ Id., *ibid.*:52. Este segmento se estende por quatro páginas.

⁸⁸ Id., *ibid.*:47.

⁸⁹ Para fins de clareza, são eles: “O significado dos números”, “As origens da Dharma”, “As experiências na ilha”, “Quem são os Outros”, “Uma civilização perdida”, “O chefe supremo dos Outros” e “As infiltradas”. Cf. pp.52-5.

⁹⁰ SUPERINTERESSANTE, ed. 237: Capa e *passim*.

⁹¹ Id., *ibid.*: Índice.

⁹² Id., *ibid.*:56.

notadamente o espiritismo. Talvez seja possível expandir este antagonismo, uma vez que SUPER contraporia, em verdade, um discurso que seria epistemológico a um outro, dogmático.

Isto fica sugerido logo no reclame da capa: “Espíritos[:] Para a ciência, eles não existem e pronto. Mas, então, por que tanta gente afirma receber visitas dos mortos? Será que a resposta está apenas no cérebro?”⁹³. A chamada do índice também expressa esta condição: “A crença no sobrenatural está marcada na história da maioria das civilizações. Agora a ciência tenta achar uma explicação razoável para as aparições de mortos”⁹⁴. O lide, contudo, apresenta uma inflexão, onde já se encontraria uma resolução definitiva para esta oposição ou, pelo menos, onde se anteciparia uma primazia de um dos dois registros sobre o outro:

*Para a ciência, ver e ouvir fantasmas não tem nada de sobrenatural: tudo é criado pelo cérebro. Agora os cientistas tentam explicar por que tanta gente, em diferentes épocas e civilizações, afirma ver espíritos*⁹⁵.

Ora, se a capa e o índice de SUPER insinuavam uma espécie de equivalência heurística entre aquilo que a “ciência” propõe e aquilo que “tanta gente afirma”, já não se poderia dizer o mesmo aqui. Quando se admite categoricamente que “tudo é criado pelo cérebro”, ou seja, quando a publicação assume essa premissa, é provável que se enquadrem outras possíveis explicações a ela. E, à primeira vista, é o que acontece. A dúvida que pairava na compreensão dos “fenômenos tidos como paranormais”⁹⁶ – dúvida que servia de fiel entre duas interpretações distintas para uma mesma realidade –, isto é, o “mistério”⁹⁷ que se havia colocado de início, ao que tudo indica, seria rapidamente resolvido. Esta posição é retomada a seguir, logo nos primeiros momentos da reportagem, dessa vez com mais pormenor:

*Para a ciência, espíritos não existem. Nossa personalidade, nossa inteligência, nosso caráter, tudo é determinado pelas conexões cerebrais. Quando morremos, as células têm o mesmo fim, sem deixar possibilidade para alma ou fantasmas afluírem*⁹⁸.

⁹³ Id., *ibid.*: Capa.

⁹⁴ Id., *ibid.*: Índice.

⁹⁵ Id., *ibid.*:53.

⁹⁶ Id., *ibid.*:57.

⁹⁷ Id., *ibid.*: 56; 58.

⁹⁸ Id., *ibid.*:54.

A princípio, então, a proposta de SUPER seria eminentemente problematizadora: “Ainda não existe uma explicação definitiva do fenômeno da mediunidade, mas há conclusões suficientes para destruir vários mitos sobre o tema”⁹⁹. Trata-se, portanto, de apresentar explicações que desfaçam mitos¹⁰⁰ acerca da “paranormalidade”¹⁰¹. Entretanto, é importante notar que, embora desconhecida, presume-se uma “explicação definitiva” a partir de uma perspectiva científica; aliás, é significativo que se retorne a este ponto adiante na reportagem, no último parágrafo do texto: “Enquanto uma explicação definitiva não aparece, quem acredita ver espíritos prefere tentar levar a vida normalmente (...)”¹⁰².

Aqui, esta preocupação com um esclarecimento definitivo parece informar sobre a própria maneira de SUPER apreender a postura intelectual característica do fazer científico. Subentendendo uma “explicação definitiva” para uma realidade, acaba-se por subentender também que as outras elucubrações e perspectivas sejam parciais, não tanto no sentido de que sejam falíveis ou refutáveis, mas de que consistam em etapas, em parcelas que, eventual ou idealmente, levariam a um ponto de vista que englobaria um fenômeno em sua totalidade. Parece ser com essa orientação, a propósito, que a matéria busca apresentar a destruição de preconceitos que cercam a paranormalidade. O primeiro deles, por exemplo, é “o de que pessoas que afirmam ver espíritos são malucas”¹⁰³. Através da divulgação dos resultados obtidos numa pesquisa realizada por um psiquiatra, Alexander Moreira de Almeida, da Universidade Federal de Juiz de Fora, descobre-se¹⁰⁴ que

*os médiuns que relatavam incorporar espíritos com uma frequência maior eram os mais ajustados socialmente e também aqueles que menos tinham sintomas de transtornos psiquiátricos*¹⁰⁵.

⁹⁹ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹⁰⁰ A expressão “desfaçam mitos” aqui empregada é derivada da seguinte passagem: “Foi um engenheiro do próprio escritório (...) que *desfez o mito*: as aparições eram, na verdade, uma reação do globo ocular, que vibrava influenciado pela frequência de infra-som de um ventilador (...)” (p.58, meu grifo).

¹⁰¹ Id., *ibid.*:58.

¹⁰² Id., *ibid.*:61.

¹⁰³ Id., *ibid.*:54.

¹⁰⁴ O verbo “descobrir” aqui empregado foi derivado da seguinte passagem: “Almeida *descobriu* que pessoas bem instruídas e ocupadas formavam sua amostra” (p.54, meu grifo).

¹⁰⁵ Id., *ibid.*, loc. cit.

Assim, segundo SUPER, as experiências mediúnicas nada teriam que ver com um “limite entre a loucura e a sanidade”¹⁰⁶. E aqui talvez seja interessante chamar a atenção para o seguinte: a própria SUPER parece adotar estes dados como uma explicação, não se limitando a divulgá-los. Isto fica mais evidente quando se atenta para algumas citações que permeiam a reportagem como se fossem boxes. Nestes depoimentos de indivíduos que teriam vivenciado episódios de paranormalidade, ilustra-se a autonomia do sobrenatural ante o contexto social e psíquico dos depoentes: “Regina Braga, de 52 anos, secretária-executiva. Católica, começou a seguir o espiritismo aos 17 anos”¹⁰⁷, “Edson Ogata, 31 anos, cabeleireiro, procurou ajuda na doutrina espírita”¹⁰⁸, “Margareth Pummer, 48 anos, advogada e gerente de departamento de qualidade e meio ambiente. Segue a doutrina espírita há 17 anos e hoje é médium”¹⁰⁹; e mesmo ante a própria fé de um deles: “Maurício Casagrande, de 31 anos, administrador e engenheiro eletricista especializado na área de telecomunicações. Ateu”¹¹⁰.

Desse modo, a partir de uma descoberta negativa, a reportagem empreenderia um esforço explicativo positivo: ora, se o discurso psiquiátrico sugere que *não* há necessariamente uma condição desajustada¹¹¹ – social e psíquica – por detrás destes fenômenos, como explicá-los, uma vez que eles continuariam sendo relatados? É possível dizer que a resposta para esta indagação viria em dois momentos distintos dentro da matéria: no box “O que diz o espiritismo”¹¹² e na subseção “O que diz a ciência”¹¹³.

O tom do box é basicamente compreensivo, isto é, busca-se informar o leitor acerca das representações dos espíritas a respeito de sua própria religião, como exemplificam os trechos “Seguidores acreditam que espíritos vivem em simbiose com os vivos”¹¹⁴, “Para a doutrina, a comunicação só acontece por causa

¹⁰⁶ Id., *ibid.*, loc. cit. Segue uma citação mais extensa: “A notícia é um alívio para quem sofre a pressão de viver experiências mediúnicas e se pergunta o tempo todo onde está o limite entre a loucura e a sanidade”.

¹⁰⁷ Id., *ibid.*:56.

¹⁰⁸ Id., *ibid.*:58.

¹⁰⁹ Id., *ibid.*:60.

¹¹⁰ Id., *ibid.*:55. Cabe notar que, na errata do mês seguinte, SUPER esclarece: “Maurício Casagrande não é ateu, mas católico não praticante” (*id.*, ed. 238:12).

¹¹¹ O adjetivo “desajustada” aqui empregado foi derivado da seguinte passagem: “Esses dados mostram que não são pessoas *desajustadas* socialmente” (p.54, meu grifo).

¹¹² Id., *ibid.*:57, boxe.

¹¹³ Id., *ibid.*:58.

¹¹⁴ Id., *ibid.*:57, boxe.

de uma troca do que Allan Kardec (...) chamou de ‘fluido’¹¹⁵ e “Segundo a religião, existem vários mundos em diferentes estágios de evolução”¹¹⁶, este último sendo acompanhado mais adiante pela citação de um depoimento da presidente da Federação Espírita de São Paulo, Silvia Cristina Puglia.

Desse modo, o boxe mostraria como a visão de mundo dos espíritas preencheria aquela lacuna na compreensão dos fenômenos paranormais: “É por causa de perguntas sem respostas satisfatórias que doutrinas como o espiritismo fazem adeptos”¹¹⁷ ou “Para o espiritismo, não há dúvida: espíritos existem e vivem em simbiose com pessoas de carne e osso”¹¹⁸. Mesmo assim, há ali, nos dois últimos parágrafos do boxe mais precisamente, a sugestão de que uma das noções presentes no dogma espírita, o “fluido”, poderia ser compreendida através de uma perspectiva alternativa, como a da física:

“Os espíritos revelaram a Kardec que a natureza material é uma coisa fluida, que tem o mesmo princípio da matéria densa, mas é mais sutil”, afirma o físico espírita Alexandre Fontes da Fonseca, da USP. “Há hipóteses tratando os fluidos como ondas eletromagnéticas.”

Os fluidos seriam a base da explicação para a materialização das assombrações e fenômenos como as portas que abrem sozinhas, os copos que mexem e os ruídos inexplicáveis¹¹⁹.

Não deixa de ser simbólico que, logo na página seguinte, inicie-se a subseção “O que diz a ciência”. Como poderemos ver adiante, apesar de serem dois momentos tão diferentes que esta diferença chega a ser graficamente destacada, talvez seja lícito sugerir que exista um “gancho” entre eles. Esta subseção consistiria na exposição de um elenco de experimentos que teriam levado à tonificação de uma interpretação neurológica para os fenômenos paranormais, representando o que, logo no início da matéria, SUPER chama “estudos científicos sérios”¹²⁰. Conforme a publicação, “no mundo das hipóteses médicas, os relatos de retorno dos mortos à Terra não passam de ficção criada pela máquina chamada cérebro”¹²¹. Desse modo, são relacionadas algumas “possíveis

¹¹⁵ Id., ibid., loc. cit.

¹¹⁶ Id., ibid., loc. cit.

¹¹⁷ Id., ibid., loc. cit.

¹¹⁸ Id., ibid., loc. cit.

¹¹⁹ Id., ibid., loc. cit.

¹²⁰ Id., ibid.:54. “(...) só nos últimos 20 anos é que o assunto saiu dos filmes de terror e voltou a ocupar as páginas de estudos científicos sérios”.

¹²¹ Id., ibid.:58.

soluções do mistério”¹²². A primeira delas seria a epilepsia: “desde os primeiros estudos, a epilepsia virou explicação para manifestações de mediunidade, idéia que é seguida até hoje”¹²³. Além disso, há as frequências sonoras: “as aparições eram, na verdade, uma reação do globo ocular, que vibrava influenciado pela frequência de infra-som de um ventilador”¹²⁴. Também se desfazem mitos através do estudo de “estados graves”¹²⁵ de fome e de sono; de acordo com a neurologista consultada por SUPER, Kátia Lin, da Unifesp: “Nessas situações, os neurônios funcionam de forma anormal, criando uma realidade paralela”¹²⁶; ou ainda, da pesquisa com campos magnéticos:

*Desde a década de 1980, o neurologista canadense Michael Persinger faz testes com ondas eletromagnéticas em pessoas normais. (...) À medida que o pesquisador estimula o lobo temporal, os voluntários têm sensações de fazer inveja a qualquer usuário de alucinógenos (...)*¹²⁷.

Desse modo, tende-se a reduzir os episódios de paranormalidade a alucinações com uma origem pontualmente delineada, o cérebro: “se o cérebro é a chave para as alucinações, os cientistas se dedicam agora a saber quais circuitos movem essa engrenagem”¹²⁸. Neste sentido, aquela “explicação definitiva” é apenas retardada por dificuldades técnicas:

*“Quando o bebê está sendo formado, bilhões de células embrionárias migram para formar 6 camadas do córtex”, afirma a neurologista Elza [Yacubian, da Unifesp]. “Nem a melhor ressonância magnética consegue detectar falhas nesse nível”*¹²⁹.

E, ainda assim, já seria possível balizá-la antecipadamente: “Ou seja, para a neurologia, ver espíritos é resultado de uma disfunção cerebral ainda não diagnosticada”¹³⁰.

SUPER, então, parece adotar uma postura tendencialmente positivista na compreensão dos fenômenos paranormais. “Tendencialmente positivista” não no

¹²² Id., *ibid.*, loc. cit.

¹²³ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹²⁴ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹²⁵ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹²⁶ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹²⁷ Id., *ibid.*:61.

¹²⁸ Id., *ibid.*:58-60.

¹²⁹ Id., *ibid.*:58.

¹³⁰ Id., *ibid.*:61.

sentido de que a publicação tenha aspirações normativas para a realidade com esta reportagem¹³¹; mas no sentido mais estrito de que ali se valorizem as ciências como uma fonte de explicações para a realidade que substituiria as explicações de cunho religioso ou teológico. Estas últimas, contudo, não seriam desdenhosamente afastadas, ao menos não explicitamente, mas progressivamente preteridas:

A possessão por deuses e demônios aparece desde 2000 a.C. O Tratado do Diagnóstico Médico e do Prognóstico, um conjunto de 40 pedras babilônicas dedicadas à medicina, descreve as alucinações auditivas e as ausências súbitas com um caráter sobrenatural. (...) Com o advento do cristianismo, os inúmeros deuses deixaram de ser a causa para esses fenômenos. Surgiram as explicações naturais, como a de que a Lua provocava o aquecimento da Terra e isso faria o cérebro derreter, gerando as crises. Na Idade Média, quem tinha alucinações era considerado herege. (...). Hoje, os espíritos inspiram todo um gênero de cinema – os filmes de terror –, sem falar em contos da literatura universal, novelas e conversas em família. Com tantas histórias distantes, porém parecidas, é muito fácil acreditar que há algo além ao nosso redor. Apesar de tantos relatos semelhantes, só nos últimos 20 anos é que o assunto saiu dos filmes de terror e voltou a ocupar as páginas de estudos científicos sérios¹³².

Assim, como se desloca da apresentação de uma visada religiosa para o que seriam perspectivas científicas, o argumento de SUPER parece ser refratário ao que poderíamos chamar uma “não-explicação”, isto é, não haveria um vácuo de significado entre os dois tipos de discurso. Isto talvez torne razoável sugerir que, além de “tendencialmente positivista”, o texto da matéria seria também tendencialmente evolucionista. Pôde-se ver, num primeiro momento, o sobrenatural é compreendido através de um ponto de vista dogmático – o espiritismo ou “doutrinas como o espiritismo” –, e, adiante, a partir de “hipóteses científicas”. Dessa maneira, a reportagem não se pautaria tanto por uma relação conflituosa entre religião e ciência, mas por uma dinâmica processual de aperfeiçoamento interpretativo e conceitual que levaria da primeira à segunda e, daí, possivelmente, até uma “explicação definitiva”. Esta é uma posição que guarda semelhança com as considerações que Émile Durkheim, por exemplo, um cientista cuja obra seria dotada tanto de um positivismo quanto de um evolucionismo, tece acerca de um suposto conflito entre a religião e a ciência, na

¹³¹ Foge ao escopo da presente discussão, ademais, tentar detectar quaisquer motivações ou interesses particulares a orientar a realização das reportagens de SUPER.

¹³² Id., *ibid.*:54, grifo no original.

conclusão de sua obra *As formas elementares da vida religiosa*¹³³:

*De uma maneira geral ela [a ciência] apresenta, em todos os seus passos, um espírito crítico que a religião ignora (...). Mas estes aperfeiçoamentos metodológicos não bastam para diferenciá-la da religião. Uma e outra, sob este aspecto, perseguem o mesmo fim; o pensamento científico não é senão uma forma mais perfeita do pensamento religioso. Portanto, parece natural que o segundo se apague progressivamente diante do primeiro, na medida em que este se torna mais apto a dar conta da tarefa*¹³⁴.

Deve-se atentar, no entanto, o argumento da matéria não seria absolutamente linear, mas também tendencialmente linear. Efetivamente, há nuances a partir das quais SUPER reintroduz problemáticas no desenvolvimento do texto. Assim, por um lado, se “para a ciência”, como já vimos, “espíritos não existem”, por outro, “os próprios cientistas reconhecem que relatos de experiências sobrenaturais e de contato com os mortos (...) estão presentes em diversas civilizações”¹³⁵. Igualmente, se o sobrenatural deriva de disfunções cerebrais desconhecidas, como “erros de sinapse do cérebro”¹³⁶, admite-se, junto com a neurologista Kátia Lin, que “se há áreas do cérebro capazes de fazer contatos por telepatia, a ciência simplesmente não tem como refutar ou comprovar”¹³⁷ ou, a seguir, que “talvez nem mesmo o cérebro abrigue todas as explicações”¹³⁸.

Não se pode deixar de levar em consideração, estes matizes constituiriam dois momentos significativos da reportagem, uma vez que, ocupando-lhe os primeiros e últimos parágrafos, acabam por se revestir, respectivamente, de um caráter introdutório e de um outro, conclusivo. Levantando-se estas questões, reabre-se espaço para aquela dúvida inicial, aparentemente suplantada pelas explicações religiosa e científica divulgadas durante o curso do texto. Ainda assim, o argumento como um todo parece presumir um esclarecimento derradeiro ou a busca por esse esclarecimento. O último parágrafo da reportagem como que sintetiza este seu pendor mais geral assim como aquelas brechas para a incerteza:

¹³³ DURKHEIM, E. “As formas elementares da vida religiosa”. In: GIANNOTTI, J. A. (org.). *Émile Durkheim*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Abril Cultural, 1983[1912].

¹³⁴ Id., *ibid.*:231-2.

¹³⁵ SUPERINTERESSANTE, *ibid.*:54.

¹³⁶ Id., *ibid.*:61.

¹³⁷ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹³⁸ Id., *ibid.*, loc. cit.

*Mais longe ainda está a explicação para fenômenos como previsões do futuro, o meio como os médiuns costumam saber da morte de parentes. Como alguém pode ser capaz de atravessar o tempo? Será só uma coincidência? Também há o problema dos relatos de luzes que acendem sozinhas à noite, gavetas, portas que aparecem inexplicavelmente abertas. Enquanto uma explicação definitiva não aparece, quem acredita ver espíritos prefere tentar levar a vida normalmente (...)*¹³⁹.

Embora não se possam compreender atualmente as previsões do futuro, as luzes que se acendem sozinhas etc., o conhecimento destas realidades parece ser apenas uma questão de tempo, como indicam as expressões “mais longe ainda está a explicação” ou “enquanto uma explicação definitiva não aparece”. Contudo, ao se avultar, mesmo que rapidamente, a possibilidade de uma coincidência, sugere-se também que todos estes fenômenos poderiam permanecer, para lançar mão de uma categoria nativa, inexplicáveis.

3.2.4.

Abril de 2007:

Na edição de abril de 2007, ao se voltar para Esparta, SUPER parece se debruçar sobre duas narrativas a propósito daquela sociedade para desenvolver o seu argumento. Uma, mais evidente, consistiria, em realidade, num conjunto de narrativas que confere à cidade-estado grega da Antiguidade características que serão problematizadas durante a matéria. A capa, assim, questiona: “Esparta[:] Uma cidade tirânica, militarizada, intolerante? Ou o verdadeiro berço da democracia e do Ocidente, injustiçado pela História?”¹⁴⁰. A outra, se não é tão destacadamente anunciada, também está explícita no discurso da publicação: trata-se do filme *300*¹⁴¹, que tematiza a Batalha das Termópilas, supostamente ocorrida em 480 a.C.; logo nos primeiros parágrafos da reportagem, SUPER faz

¹³⁹ Id., *ibid.*:61. Para fins de clareza, segue o trecho omitido na citação: “(...) como a advogada Margareth Pummer. ‘O assunto é tão sério que não faço propaganda. Evito conversar sobre isso e assim vou vivendo’, diz”.

¹⁴⁰ SUPERINTERESSANTE, ed. 238: Capa.

¹⁴¹ *300* (Warner Bros. Pictures, 2006), do diretor Zack Snyder, foi lançado no Brasil em 30 de março de 2007. Cabe notar que o filme deriva de uma história em quadrinhos homônima, criada pelo roteirista e desenhista Frank Miller e lançada em mini-série pelo selo americano Dark Horse Comics, em 1998. Uma vez que SUPER não menciona este fato em sua reportagem, tampouco o levaremos em consideração nas nossas análises.

referência a esta obra: “Embora também esteja repleto de erros históricos (...), o filme *300*, que acaba de chegar aos cinemas, acerta em cheio ao mostrar que (...)”¹⁴². A partir destas diferentes versões para o que teriam sido os fatos, SUPER como que empreende uma revisão histórica:

Na escola, aprendemos que (...) os espartanos viviam sob um regime totalitário, cuja única preocupação era a guerra, e submetiam os jovens ao treinamento militar mais desumano do planeta. (...)

*Acontece que, assim como a visão dourada de Atenas, essa imagem dos espartanos não passa de caricatura. (...) vale a pena tentar enxergar através das distorções que cercam a cidade mais controversa da Grécia*¹⁴³.

A proposta da publicação para a matéria, aliás, já se encontraria sugerida naquelas interrogativas estampadas na capa do volume e que, ali mesmo, encontram uma réplica, ainda que apenas insinuada: “*Saiba a verdade sobre a cidade mais polêmica da Antiguidade*”¹⁴⁴. O tom, tão instigante quanto revelador, volta a aparecer no índice: “*A verdade sobre Esparta[:]* O povo podia eleger seus políticos e as mulheres tinham direitos. A cidade de lendas sanguinárias era *muito mais do que você imagina*”¹⁴⁵; e no lide da reportagem: “*A outra Esparta[:]* Ela era mais democrática do que se imagina e tão heróica quanto as lendas contam. *Conheça a verdade da cidade mais controversa da Grécia antiga*”¹⁴⁶.

É possível perceber, então, que, na tentativa de um esclarecimento sobre o que efetivamente teriam sido Esparta ou a Batalha das Termópilas, SUPER pretende se deslocar do que seria uma perspectiva ordinária – distorcida e caricatural –, assumindo um posto “a cavaleiro”, isto é, um ponto de vista privilegiado, uma visada sobranceira que lhe permitiria avaliar relatos existentes sobre lendas e mitos e, sendo o caso, também avalizá-los: “Mito e arqueologia concordam num ponto: Esparta é um produto do primeiro grande desastre da história grega”¹⁴⁷, “Xerxes, ao contrário do que se diz em *300*, não era a versão metrosssexual do capeta. Em parte, o governo do Irã tem razão em ficar fulo da vida com o filme”¹⁴⁸ ou, como já vimos, “Embora também esteja repleto de erros

¹⁴² Id., *ibid.*:66, grifo no original.

¹⁴³ Id., *ibid.*:65-6.

¹⁴⁴ Id., *ibid.*: Capa, meu grifo.

¹⁴⁵ Id., *ibid.*: Índice, meus grifos.

¹⁴⁶ Id., *ibid.*:64, meus grifos.

¹⁴⁷ Id., *ibid.*:66.

¹⁴⁸ Id., *ibid.*:72, grifo no original.

históricos (...), o filme *300* (...) acerta em cheio ao mostrar que (...)”. Desse modo, a “outra Esparta” vai emergindo de uma série de corroborações, refutações, correções e, principalmente, ao se destrincharem omissões¹⁴⁹: “enquanto o Oriente Médio e Atenas viviam ditaduras, o povo de Esparta podia eleger os líderes”¹⁵⁰, “os soldados lutavam com flores no cabelo, adoravam penteá-lo e faziam sexo entre si”¹⁵¹, “a mulher de Esparta podia ter terras e ficar ao ar livre. Ao contrário das atenienses”¹⁵², “Esparta liderou Atenas e outras cidades gregas na luta contra os persas”¹⁵³ etc.

Pode-se dizer que, de um modo geral, esta “verdade sobre Esparta” seria revelada a partir de um prisma cujo foco principal residiria nas esferas econômica e política do período abordado, as ações dos personagens englobados pela reportagem de SUPER sendo motivadas, em boa medida, por tensões e disputas comerciais e fundiárias, ou seja, disputas materiais entre diferentes grupos sociais – seja dentro da própria sociedade espartana, entre os gregos ou, ainda, entre gregos e persas. Assim, por exemplo, estabelece-se um vínculo causal entre a concentração das benesses colhidas por Esparta, a partir de sua expansão até o século VII a.C., e os atritos internos que ali tiveram lugar: “Há indícios de que só alguns espartanos se beneficiaram de verdade com as vitórias, virando senhores do grosso das novas terras, enquanto outros empobreciam. Em outras palavras: tensão social”¹⁵⁴. A própria reforma política que se seguiu, e que caracterizaria Esparta como “o verdadeiro berço da democracia e do Ocidente”, estaria subordinada a essas disputas, uma vez que é apresentada como “a solução para esses problemas”¹⁵⁵. É interessante notar que os aspectos simbólicos destas transformações não são deixados de lado pela matéria, mas parecem ser sombreados pelos seus desdobramentos práticos mais evidentes:

Os reis continuaram a ter uma série de privilégios simbólicos (o mais bizarro era o direito de ficar com a pele e o lombo de todos os animais sacrificados aos deuses), mas, na prática, viraram simples gerais hereditários. O poder de

¹⁴⁹ O verbo “omitir” aqui empregado é derivado da seguinte passagem: “Outro ponto que se *omite* sobre Esparta é a condição das mulheres” (p.70, meu grifo). Ora, se este é um “outro” ponto, é lícito presumir que, pelo menos até aquele momento da reportagem, há mais deles.

¹⁵⁰ Id., *ibid.*:66, boxe.

¹⁵¹ Id., *ibid.*:68, boxe.

¹⁵² Id., *ibid.*:70, boxe.

¹⁵³ Id., *ibid.*:72, boxe.

¹⁵⁴ Id., *ibid.*:66.

¹⁵⁵ Id., *ibid.*, loc. cit.

*decisão final ficava nas mãos do damos – o povo (...)*¹⁵⁶.

A primazia do político-econômico sobre o que poderíamos, então, chamar de simbólico-ritual pode ser encontrada em diversos momentos. O fato de que o próprio mito fundador da cidade-estado é apresentado através desse quadro é significativo:

*Na mitologia grega, a chegada dos dórios ficou conhecida como “o retorno dos filhos de Hércules”. Os descendentes desse herói (...) seriam os legítimos herdeiros dos reinos do Peloponeso, expulsos injustamente de lá. Mas os filhos de Hércules reuniram um exército (...) e recuperaram no braço o que era seu. A parte da herança é claramente invenção para legitimar a invasão, mas os dórios realmente tinham uma origem étnica comum e falavam um dialeto nortista*¹⁵⁷.

De acordo com SUPER, naquele mesmo século VII a.C., as mudanças políticas, a prosperidade econômica e o aumento populacional teriam implicado em transformações na própria maneira de guerrear dos espartanos. SUPER destaca as decorrências, também políticas e econômicas, dessas modificações:

*(...) se a massa dos cidadãos passa a ser importante na guerra, a cidade não tem como se defender sem eles. (...) o povo ganha força para exigir direito de voto ou uma fazenda nos arredores*¹⁵⁸.

Além disso, o ríspido treinamento dispensado aos jovens espartanos é compreendido sob esta perspectiva, como uma espécie de consequência advinda da estabilidade¹⁵⁹ alcançada por Esparta nessa época: “Para manter as conquistas e o sistema político, todo cidadão de Esparta passou a ser preparado desde pequeno para ser um supersoldado”¹⁶⁰. Assim, toda a formação dos guerreiros da cidade-estado parece estar atrelada à mesma motivação inicial de manutenção de um estado de coisas material, o que acaba por conferir um teor instrumental a alguns dos pormenores da liturgia da *agogué*¹⁶¹:

¹⁵⁶ Id., *ibid.*, loc. cit., meu grifo; grifo no original.

¹⁵⁷ Id., *ibid.*, loc. cit., meu grifo.

¹⁵⁸ Id., *ibid.*:68.

¹⁵⁹ Id., *ibid.*, loc. cit. Para fins de clareza, segue uma citação mais extensa: “O sucesso das reformas foi indiscutível. Enquanto a Grécia inteira passou do século 7 a.C. ao 5 a.C. sofrendo com ditadores e revoluções, Esparta virou um oásis de estabilidade”.

¹⁶⁰ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹⁶¹ De acordo com a própria SUPER, *agogué* significa “criação” em grego (p.68).

[a partir dos 6 anos de idade, os meninos] passavam a ser criados em pequenos grupos por um supervisor, (...) aprendendo a cantar, dançar (exercícios adequados para se acostumar ao ritmo militar), ler e escrever¹⁶².

Há, ainda, outros exemplos deste tipo de interpretação: “os jovens praticavam a dança e o canto, em cerimônias elaboradas que simulavam os movimentos da guerra”¹⁶³, “Esse sistema tornava os espartanos resistentes e corajosos, mas *sua principal função* era criar espírito de equipe”¹⁶⁴, “Abandonar os companheiros é que era considerado intolerável, porque um escudo a menos na formação significava expor todo mundo ao risco de morte”¹⁶⁵ e “Não havia glória maior do que tombar na linha de frente, morrendo ao lado dos companheiros (...). (...) Mas eles só agiam como camicases *quando não havia outra escolha*”¹⁶⁶.

De modo semelhante, a expansão de Esparta teria sido interrompida devido aos cálculos de um grupo de interesse; segundo um dos especialistas consultados por SUPER, Robin Osborne, da Universidade de Cambridge: “Esparta temia que as cidades vizinhas apoiassem as revoltas dos servos e procurou alguma forma de convivência pacífica com elas”¹⁶⁷. Por seu turno, os conflitos entre Grécia e Pérsia também teriam sido animados por esta lógica, que permeou motivações de parte a parte, desde um âmbito econômico mais amplo até um nível psicológico preciso:

*Por volta de 540 a.C., as cidades gregas da Ásia caíram nas mãos dos persas. O novo império trouxe paz e estabilidade à região, mas também sufocou os desejos gregos de uma política mais democrática (...). O bolso grego também foi afetado, porque a Pérsia cobrava impostos ferozes e mutilava o comércio. Os gregos da Ásia se revoltaram, com o apoio de Atenas, mas levaram uma sova. A ajuda ateniense era a desculpa perfeita para a Grécia europeia ser incluída no alvo das invasões. Assim pensou o rei persa Dario, cujo exército desembarcou perto de Atenas no ano 490 a.C.*¹⁶⁸

Cabe salientar que, se as intenções e as ações de Esparta seriam interpretadas por SUPER num registro mais pragmático, mais realista, o mesmo não se daria com as da Pérsia, onde se vislumbrariam mais nuances simbólicas:

¹⁶² Id., *ibid.*, loc. cit., meu grifo.

¹⁶³ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹⁶⁴ Id., *ibid.*, loc. cit., meu grifo.

¹⁶⁵ Id., *ibid.*:68.

¹⁶⁶ Id., *ibid.*, loc. cit., meu grifo.

¹⁶⁷ Id., *ibid.*:70.

¹⁶⁸ Id., *ibid.*:70, meus grifos.

“O Oriente Médio ainda era dominado por monarcas absolutos, considerados semideuses”¹⁶⁹ ou “todas as regiões do império [persa] tinham de contribuir com sua cota de homens, e a palavra de Xerxes era lei sagrada”¹⁷⁰. Já quando os persas não são considerados em si mesmos, mas como personagens que intervêm naquela realidade que a revista apresenta como Esparta, a ênfase prática volta a dominar: “O domínio persa poderia até ter posto um fim nas eternas briguinhas fúteis entre cidades, que eram a praga da vida grega (pelo menos em termos de progresso econômico)”¹⁷¹, “A guerra [com Atenas] terminou com a vitória de Esparta, financiada por ouro persa”¹⁷².

Por outro lado, o discurso da publicação sobre os espartanos não seria monolítico, havendo espaço também para considerações de cunho simbólico: “Esparta parece ter inventado a idéia de que mesmo um plebeu pobre tinha o direito de eleger seus representantes e ser eleito, e de que ninguém, nem mesmo os reis, estava acima da lei”¹⁷³, “A lenda de que os soldados de Esparta nunca se rendiam ou recuavam é balela: não havia vergonha nenhuma em baixar as armas se essa fosse a ordem do rei ou do general”¹⁷⁴, “O novo império [persa] trouxe paz e estabilidade à região, mas também sufocou os desejos gregos de uma política mais democrática”¹⁷⁵, “Democrática ou não, Esparta jamais aceitaria o domínio de um só homem que estivesse acima da lei”¹⁷⁶, “já que derramar sangue era como um passatempo para os gregos (...)”¹⁷⁷ e, fazendo menção a um relato de Heródoto a respeito do que poderíamos sintetizar como isonomia, a publicação conclui que “Poucas idéias foram tão capazes de mudar o mundo”¹⁷⁸.

Deve-se recordar, entretanto, a narrativa desenvolvida na reportagem estenderia um contínuo causal entre as tensões materialmente motivadas da Esparta do século VII a.C., a democracia – ou “sociedade quase democrática”¹⁷⁹ – que ali emergiu e o *ethos* guerreiro dos espartanos. Os matizes citados, portanto,

¹⁶⁹ Id., *ibid.*:68.

¹⁷⁰ Id., *ibid.*:70.

¹⁷¹ Id., *ibid.*:72.

¹⁷² Id., *ibid.*, loc. cit.

¹⁷³ Id., *ibid.*:68.

¹⁷⁴ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹⁷⁵ Id., *ibid.*:70.

¹⁷⁶ Id., *ibid.*:72.

¹⁷⁷ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹⁷⁸ Id., *ibid.*, loc. cit. No sentido dessa abordagem mais compreensiva de SUPER, cf. também o boxe “Nós e os gregos[:] Como a filosofia explica os heróis” (p.70).

¹⁷⁹ Id., *ibid.*:68.

apesar de tornarem evidente o caráter plural do argumento de SUPER, ainda estariam englobados por uma grade interpretativa que pende para uma monocausalidade explicativa, por assim dizer; este pendor, porém, é necessário enfatizar, parece jamais se realizar completamente no âmbito da reportagem. É como se o texto estivesse pautado, no geral, por uma espécie de “marxismo vulgar”¹⁸⁰, onde a infra-estrutura material de uma sociedade lhe determinaria, *pari passu*, os valores e (auto-) representações, a sua superestrutura portanto; e o mesmo texto, por outro lado – um lado talvez mais discreto, mas, ainda assim, significativo –, estivesse pontilhado de dissonâncias que relativizariam a própria tônica dominante da reportagem, sem abafá-la de todo e, por isso mesmo, colocando-a em relevo.

3.2.5.

Maio de 2007:

Voltando-se para a história da Igreja Católica, a reportagem do mês de maio de 2007 parece ser nítida e rigorosamente iconoclasta. Logo de início, a julgar pela maneira como a matéria é apresentada na capa, no índice e no lide, é possível perceber uma tônica explicitamente problematizadora e, dada a especificidade da pauta, profana: “A história secreta da Igreja[:] Os assassinos, santos, devassos e heróis que fizeram a história da organização mais antiga do mundo: o Vaticano”¹⁸¹, “Lado B da igreja[:] Guerreiros, corruptos e santos. A Igreja tem um pouco de tudo que aconteceu nos últimos 2000 anos de história. Ou você acha que o Vaticano só se ocupou representando Cristo?”¹⁸², e “Vaticano[:] uma biografia não autorizada (...). Pelos corredores do Vaticano passaram reis, guerras, o melhor da arte e até alguns santos”¹⁸³. Por um lado, expressões como “história secreta”, “lado B” e “biografia não autorizada” parecem reconhecer, ao subentendê-la, uma realidade aparentemente óbvia, isto é, uma história pública,

¹⁸⁰ Tomo a expressão emprestada a Roberto DaMatta: “(...) modernamente assistimos ao surgimento do marxismo vulgar como a moldura pela qual se pode orientar muito da vida social, política e cultural do país [refere-se ao Brasil]. Estamos, pois, novamente às voltas com um outro determinismo, agora fundado numa definição abrangente do ‘econômico’ e das ‘forças produtivas’ (...)” (DAMATTA, 1987:58).

¹⁸¹ SUPERINTERESSANTE, ed. 239: Capa.

¹⁸² Id., *ibid.*: Índice.

¹⁸³ Id., *ibid.*:59.

um lado A, por exemplo, ou uma biografia oficial ou sagrada da Igreja; por outro, elas implicam uma realidade obtusa e desconhecida. O esforço, por assim dizer, profanador de SUPER se concentra em “desvendar essa história”¹⁸⁴, estabelecendo um contínuo histórico, que “se enraíza 2000 anos no passado”¹⁸⁵, chegando até o Tratado de Latrão¹⁸⁶ e os dias de hoje.

Desse modo, através de uma recapitulação que se estende por estes “últimos 2000 anos de história”, a publicação busca se debruçar sobre episódios que seriam, hoje, pouco conhecidos do público em geral, e dos próprios católicos em particular. Complementarmente, versões e narrativas alternativas àquelas que desfrutaram de maior notoriedade são oferecidas na reportagem. Se o objetivo explícito da matéria é o de revelar um trajeto oculto que teria levado àquilo que se representa comumente por Igreja Católica no presente, a lógica subjacente a este empreendimento parece ser a de uma espécie de ressecamento simbólico. Em outras palavras, a Igreja, o Vaticano e o papado são como que rebaixados àquilo que teriam de mundano e, a seguir, analisados com forte ênfase sob essa ótica.

Ao narrarem as circunstâncias em que se assinou o Tratado de Latrão, por exemplo, os parágrafos iniciais da matéria sintetizam e antecipam a abordagem que será desenvolvida por SUPER no restante da reportagem:

Dentro do palácio [de Latrão] – o quartel-general da Cúria Romana, rosto administrativo da Igreja Católica – o papa Pio 11 e seus funcionários mais gabaritados receberam o ditador [Benito Mussolini] com apertos de mão”¹⁸⁷

e “A rigor, foi nesse dia de inverno, na soturna companhia de um dos mais violentos tiranos do século 20, que nasceu o Estado do Vaticano como ele é hoje (...)”¹⁸⁸. Do ponto de vista da ética católica, *grosso modo* uma ética de virtudes, é possível sugerir que a Igreja tenha incorrido aqui em pelo menos duas faltas morais, uma mais formal – o negociar – e outra mais substantiva – com quem se negociou, ou seja, uma “soturna companhia”, um “ditador” e “tirano”. As próprias descrições do Palácio de Latrão e da Cúria Romana também chamam a atenção

¹⁸⁴ Id., *ibid.*, loc. cit. Para fins de clareza, segue uma citação mais extensa: “Para desvendar essa história é preciso retornar às origens do cristianismo (...)”.

¹⁸⁵ Id., *ibid.*, loc. cit.

¹⁸⁶ De acordo com a própria SUPER, o tratado, assinado em 11 de fevereiro de 1929, “conferia ao papa um território independente dentro de Roma. Em troca, a Igreja reconhecia como legítimo o governo controlado pelo *duce* [Benito Mussolini]” (p.59).

¹⁸⁷ Id., *ibid.*:59.

¹⁸⁸ Id., *ibid.*, loc. cit.

para um aspecto mais secular e até burocrático da Igreja, uma vez que se trata, respectivamente, de um “quartel-general” e do “rosto administrativo da Igreja Católica”, formado por “funcionários”.

SUPER tenderá, então, a enfatizar uma postura utilitária da Igreja, em contraposição a um “lado” seu mais conhecido – ou suposto –, o de uma intervenção solidária no mundo. Este pragmatismo remontaria aos primeiros momentos do cristianismo, definindo ali, por exemplo, o caráter proselitista da religião:

No início, o cristianismo era uma seita de judeus para judeus. (...) A idéia de que Jesus era o tão aguardado Messias, porém, não pegou entre os judeus. (...) Foi assim que o Messias passou a ser descrito como redentor de todos os homens e de todas as raças. O discurso colou¹⁸⁹.

Ou, ainda, o celibato:

Foi a partir daí [da conversão do imperador romano Constantino ao cristianismo] que a Igreja se tornou hierárquica. Doações feitas pelos imperadores a enriqueceram – a instituição do celibato foi feita nessa época, para impedir que a fortuna evaporasse entre herdeiros¹⁹⁰.

Além disso, e como corolário deste escopo mais geral da reportagem, acaba-se por colocar em causa a própria exemplaridade ética de uma instituição que se representa e é também representada como eticamente exemplar. Assim, se, conforme a sugestão de Sérgio Paulo Rouanet¹⁹¹,

depois de [Max] Weber, não há como ignorar a diferença entre uma razão substantiva, capaz de pensar fins e valores, e uma razão instrumental, cuja competência se esgota no ajustamento de meios a fins¹⁹²,

a revista parece esvaziar as ações da Igreja Católica de uma razão substantiva – “ou você acha que o Vaticano só se ocupou representando Cristo?” –, embebendo-as, então, de uma razão vividamente instrumental, orientada basicamente por um ímpeto cumulativo e amoral de poder político e de bens materiais, como imóveis

¹⁸⁹ Id., *ibid.*:60.

¹⁹⁰ Id., *ibid.*:60.

¹⁹¹ ROUANET, S. P. “Introdução”. In: _____. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp.11-36.

¹⁹² Id., *ibid.*:12.

e, principalmente, dinheiro. Assim, a reportagem parece inflacionar o que seria uma razão de Estado maquiavélica do Vaticano e, pode-se sugerir, acaba por lhe atribuir retrospectivamente características do que hoje se convencionou chamar *Realpolitik*¹⁹³ no campo das relações internacionais e diplomáticas. A origem do termo “papa”, a propósito, é interpretada sob essa perspectiva:

*A proximidade do poder logo subiu à cabeça do bispo romano (...). No final do século 4, os bispos de Roma adotaram o título de papa, “pai” em grego, sinal de que se consideravam chefes dos outros. Uma espécie de réplica espiritual do imperador*¹⁹⁴.

Neste sentido, elenca-se uma série de relatos que dão conta do “lado B” daquilo que teria redundado no Vaticano hoje. Assim, durante a Idade Média, uma Igreja trapaceira¹⁹⁵ teria sido responsável pela “fraude mais bem-sucedida da história”¹⁹⁶, “alterando e inventando documentos para fortalecer a posição dos bispos romanos”¹⁹⁷. Além disso, os papas dos primeiros séculos do segundo milênio cristão são apresentados como virtuais “donos do mundo”¹⁹⁸; se antes, “na prática, o líder da cristandade era um pau-mandado”¹⁹⁹, agora eles seriam “soberanos políticos com sonhos de hegemonia, dispostos a conquistar o mundo pela cruz e pela espada”²⁰⁰, e o papado, “uma potência militar, capaz de contratar os próprios exércitos, e também uma instituição milionária”²⁰¹. Mesmo em “decadência”²⁰², durante a Renascença, quando “os delírios absolutistas do Vaticano revoltaram até o clero”²⁰³, a Igreja teria somado mais algumas falhas à sua “biografia”, já que o “celibato passou a ser um detalhe esquecível e Roma mergulhou numa luxuriosa *dolce vita*”²⁰⁴. Depois da Revolução Francesa, “o papado virou inimigo do progresso, entrando numa fase de pânico apocalíptico em

¹⁹³ Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, “política internacional que se baseia em fatores pragmáticos e materiais, [especialmente] nas relações entre as forças vigentes e em cenários concretos, em detrimento de influências ideológicas ou considerações sobre doutrina e princípios”.

¹⁹⁴ SUPERINTERESSANTE, *ibid.*:60.

¹⁹⁵ *Id.*, *ibid.*, loc. cit. A expressão “trapaceira” aqui empregada é derivada do seguinte subtítulo: “Trapaça na Idade Média” (p.60).

¹⁹⁶ *Id.*, *ibid.*:63.

¹⁹⁷ *Id.*, *ibid.*:63.

¹⁹⁸ *Id.*, *ibid.*, loc. cit.

¹⁹⁹ *Id.*, *ibid.*, loc. cit.

²⁰⁰ *Id.*, *ibid.*, loc. cit.

²⁰¹ *Id.*, *ibid.*:64.

²⁰² *Id.*, *ibid.*, loc. cit.

²⁰³ *Id.*, *ibid.*, loc. cit.

²⁰⁴ *Id.*, *ibid.*, loc. cit.

relação a tudo o que cheirasse a modernidade”²⁰⁵. Finalmente, no século XX, Pio XI, teria assinado o Tratado de Latrão na já citada “soturna companhia” de Benito Mussolini, que “deu US\$ 90 milhões e salvou a Igreja da falência. Hoje as contas estão mais tranquilas: o lucro anual do Vaticano chega a US\$ 200 milhões”²⁰⁶. Seu sucessor, Pio XII, o “papa de Hitler”²⁰⁷, “via no regime nazista um incômodo necessário na luta contra a maior das ameaças, o comunismo”²⁰⁸.

Há outras passagens que salientariam este caráter mais realista da história da Igreja. A eleição do papa em 366, por exemplo, “se resolveu no tapa”, quando um dos contendentes “enviou mercenários para trucidar o rival em uma Igreja”²⁰⁹. Quando da criação do Estado Pontifício em 754, “todos os habitantes dessas regiões [Roma e a área vizinha] viraram súditos dos papas, passaram a lhes pagar impostos, a ser julgados e governados por eles”²¹⁰. As Cruzadas, “maior prova de poder e ambição”²¹¹ da Igreja, são descritas como “uma das páginas mais brutais da história”²¹², quando, durante a invasão de Jerusalém em 1099, “quase todos os judeus e muçulmanos da cidade foram massacrados”²¹³. Mesmo aquele “legado cultural exuberante”²¹⁴, formado pela Igreja durante a Renascença, é enquadrado num contexto mais mundano. Alexandre VI, um dos papas que teriam fomentado as artes naquele período, foi “eleito papa em 1492 graças à pesada propina distribuída aos eleitores”²¹⁵, tendo tido “duas amantes oficiais”²¹⁶ e gerado “7 filhos conhecidos, alguns presenteados com rentáveis cargos eclesiásticos”²¹⁷; Júlio II, o “maioral dos papas da arte”²¹⁸, era “pai de 3 filhas, [e] em vez de rezar missas de batina[,] ele preferia comandar exércitos, vestido em sua armadura de prata”²¹⁹. O catarismo, uma seita herética, teria sido sufocado no século XIII – “aldeias foram queimadas, multidões chacinadas”²²⁰ – e, como uma espécie de

²⁰⁵ Id., *ibid.*:67

²⁰⁶ Id., *ibid.*:67, boxe.

²⁰⁷ Id., *ibid.*:67.

²⁰⁸ Id., *ibid.*, loc. cit.

²⁰⁹ Id., *ibid.*:60, boxe “Como escolher um papa”.

²¹⁰ Id., *ibid.*:63.

²¹¹ Id., *ibid.*, loc. cit.

²¹² Id., *ibid.*:63.

²¹³ Id., *ibid.*:64.

²¹⁴ Id., *ibid.*:64.

²¹⁵ Id., *ibid.*, loc. cit.

²¹⁶ Id., *ibid.*, loc. cit.

²¹⁷ Id., *ibid.*, loc. cit.

²¹⁸ Id., *ibid.*, loc. cit.

²¹⁹ Id., *ibid.*, loc. cit.

²²⁰ Id., *ibid.*, loc. cit.

efeito colateral, surge o Santo Ofício: as sociedades cristãs alcançaram estabilidade “na marra”²²¹, tornando-se “perseguidoras e teocráticas”²²². No âmbito da reportagem, a Inquisição, por seu turno, talvez possa ser interpretada como o ponto de apoio que liga este histórico de dubiedades ao próprio presente da Igreja. A peripécia começa a ser preparada no parágrafo final da matéria:

*A luta pela alma da Igreja Católica continua. João Paulo 2º, que sempre foi um carismático e popular conservador, não mexeu em doutrinas controversas, como a condenação dos anticoncepcionais. As perspectivas para uma futura reforma do papado são nebulosas. Por volta de 2001, Hans Kung e outros teólogos liberais fizeram lobby por um Concílio Vaticano 3º – mas a idéia foi barrada pela Congregação para a Doutrina da Fé, novo nome para um velho órgão: a Inquisição*²²³.

E arrebatava o leitor nos últimos momentos do texto:

*Na época em que o novo concílio foi recusado o cabeça do Santo Ofício era um certo cardeal alemão, conhecido como intelectual brilhante. Amigo de Kung nos anos 60, ele simpatizava com a ala progressista. Mas mudou de idéia. Afastou-se do antigo companheiro e se tornou porta-estandarte da facção conservadora. Hoje, anda ao lado de cardeais como Giacomo Biffi, que durante o sermão da Quaresma deste ano na Santa Sé afirmou que a vinda do anticristo se aproxima – e que o enviado do Diabo estará disfarçado de “ecologista, pacifista ou ecumenista”. O nome desse cardeal alemão, você já deve ter adivinhado. É Joseph Ratzinger*²²⁴.

De um modo geral, aquela metáfora nativa “lado B” parece simbolizar a dinâmica dicotômica da reportagem, isto é, só se teria acesso a cada uma das faces de um mesmo disco alternativamente, uma de cada vez. Ainda assim, cabe notar, trata-se do mesmo disco. Dessa maneira, apesar de iconoclasta, o discurso de SUPER é tão, digamos, “iconoplasta” quanto o das narrativas tradicionais que comporiam a trajetória mais conhecida da Igreja Católica. Isto, aliás, é transmitido em caráter literal, ou melhor, pictórico através de alguns dos gráficos que ilustram a reportagem. São cinco imagens de página inteira que, ao estilo dos ícones cristãos, simbolizam episódios secretos apontados pela publicação. À exceção da primeira delas – retratando Pedro como pescador²²⁵ –, as outras têm um teor

²²¹ Id., *ibid.*, loc. cit.

²²² Id., *ibid.*, loc. cit.

²²³ Id., *ibid.*:67.

²²⁴ Id., *ibid.*:67.

²²⁵ Cf. a ilustração à página 58.

crítico explícito, como se fossem “contra-ícones”. Assim, do alto de um trono adornado de gárgulas, Gregório VII²²⁶, o “Santo Satanás”²²⁷, estende sua mão para que seja beijada em benção; Júlio II²²⁸, trajando sua “armadura de prata”, tem uma espada numa das mãos e, na outra, sangue a lhe escorrer por entre os dedos; Leão Magno²²⁹ aparece como um titereiro de bárbaros; finalmente, Pio XII²³⁰, o “papa de Hitler”, é apresentado de lábios suturados, encobrendo seus olhos com as próprias mãos.

Ao oferecer, então, um retrato em negativo – um “lado B” – para este percurso geralmente incontestado – um lado A –, a publicação não deixa de adotar um registro que, ao fim, se revelaria igualmente dogmático. É como se SUPER assumisse uma perspectiva semelhante àquela desenvolvida por Émile Durkheim em *As formas elementares da vida religiosa*, quando este estabelece uma clivagem entre o “sagrado” e o “profano” para caracterizar o fenômeno religioso, uma perspectiva que, segundo Steven Lukes²³¹, seria “mutuamente excludente e conjuntamente exaustiva”²³². Assim, apesar de contrárias, as biografias da Igreja, a supostamente autorizada e aquela “não autorizada”, são interdependentes e, embora substancialmente diversas, são também formalmente convergentes. Vira-se o disco, mudam-se as faixas, mas a agulha e a vitrola continuam as mesmas. Em outras palavras, não se sugere uma interpretação plural – no caso, dual –, onde conviveriam, para retomar a distinção sublinhada por Rouanet, uma razão substantiva e uma razão instrumental: ora a Igreja reza a *Bíblia Sagrada*, ora parece aplicar *O Príncipe* de Maquiavel como cartilha política. Finalmente, quando ambas as leituras se excluem, exclui-se igualmente a possibilidade de uma compreensão mais realista do significado que pode adquirir a história do Vaticano hoje.

²²⁶ Cf. a ilustração à página 61.

²²⁷ Id., *ibid.*:63.

²²⁸ Cf. a ilustração à página 62.

²²⁹ Cf. a ilustração à página 65.

²³⁰ Cf. a ilustração à página 66.

²³¹ LUKES, S. “Bases para a interpretação de Durkheim” In: COHN, G. (org.). *Sociologia: para ler os clássicos*. Tradução de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977, pp. 15-46.

²³² Id., *ibid.*:35.

3.2.6.

Junho de 2007:

Na reportagem do mês de junho de 2007, SUPER se debruça sobre a “Teoria da Evolução”²³³. Pode-se dizer que a matéria está dividida em três momentos distintos: de início, apresenta-se uma narrativa das pesquisas que teriam levado o biólogo inglês Charles Darwin a elaborar a referida teoria ou a “descobri-la”²³⁴ no século XIX. Ainda aqui, discorre-se sobre a própria teoria, introduzindo-se o leitor às possibilidades de interpretação da realidade suscitadas pelas conclusões de Darwin, ou seja, busca-se iniciá-lo à “lógica de Darwin”²³⁵. Adiante, detém-se nos desdobramentos investigativos viabilizados por esta perspectiva durante o século XX: o “neodarwinismo”²³⁶, representado pela “Teoria do Gene Egoísta”²³⁷ e, mais especificamente, pela “psicologia evolucionista”²³⁸. Pela sua extensão, aliás, é possível sugerir que este segmento constitua o foco da reportagem, ocupando-lhe aproximadamente duas páginas e meia das cinco de texto corrido²³⁹. Finalmente, SUPER expõe uma leitura recente da “Teoria da Evolução”, “uma teoria que aplica a seleção natural ao Universo inteiro”²⁴⁰. Este roteiro está sintetizado no próprio lide da reportagem:

*Evolução da evolução[:] Uma idéia simples resolveu o mais complexo dos mistérios: o sentido da vida. Agora cientistas usam Darwin para desvendar mistérios maiores: da mente à origem do Universo. E o que eles encontraram é assustador*²⁴¹.

Pode-se perceber, então, a matéria se dedica a apresentar três “mistérios” ao leitor; mais precisamente, o modo como um deles já teria sido resolvido – o sentido da vida e, poderíamos acrescentar, a origem das espécies – e a maneira como dois deles ainda poderiam ser solucionados – a mente e a origem do

²³³ SUPERINTERESSANTE, ed. 240: Capa.

²³⁴ Id., ibid., loc. cit. A expressão “descobri-la” aqui empregada é derivada da seguinte passagem: “Há 150 anos, Darwin *descobriu* como a vida pode existir sem a intervenção divina” (meu grifo).

²³⁵ Id., ibid.:62. Para fins de clareza, segue uma citação mais extensa: “Imagine as asas dos pássaros, por exemplo. Pela lógica de Darwin, elas não nasceram prontas”.

²³⁶ Id., ibid., loc. cit.

²³⁷ Id., ibid., loc. cit.

²³⁸ Id., ibid.:64.

²³⁹ As outras cinco páginas da reportagem são ocupadas por gráficos informativos de página inteira. Cf. as páginas 61, 63, 65, 67 e 69.

²⁴⁰ Id., ibid.:68.

²⁴¹ Id., ibid.:60.

Universo. Esta proposta já estava delineada antes mesmo da reportagem propriamente dita, seja na capa da revista, num tom mais assertivo e, digamos, sensacional:

Darwin[:] O homem que matou Deus[:] Há 150 anos, Darwin descobriu como a vida pode existir sem a intervenção divina. Agora a “Teoria da Evolução” está sendo usada para explicar mistérios ainda maiores – e as revelações são assustadoras²⁴².

Ou no índice, de forma mais modesta:

O homem que matou Deus[:] Darwin teve a idéia mais poderosa de todos os tempos: a evolução é o mais próximo que chegamos de entender a vida sem a intervenção divina. E essa idéia está cada dia mais forte²⁴³.

A idéia de que há uma contradição e uma descontinuidade absolutas entre a cosmogonia cristã e a “Teoria da Evolução”, a propósito, recorre no texto, tanto em passagens mais evidentes: “E Charles Darwin criou o homem. Ou, pelo menos, inventou o que hoje nós conhecemos como homem”²⁴⁴, “mostrando como a vida evoluiu, Darwin dispensou Deus do cargo de criador”²⁴⁵ ou “O capitão do navio [Beagle] queria encontrar provas de que a *Bíblia* estava certa a respeito da criação. Mal sabia que o assassino de Deus estava a bordo”²⁴⁶; quanto insinuada em expressões sem o mesmo apelo ou, ainda, em trechos mais literários: “Então vamos embarcar no velho Beagle. Primeira escala: o inferno”²⁴⁷, “O inferno de Darwin”²⁴⁸, “Desta vez para uma época bem anterior à do Beagle. Mas com um destino igualmente infernal”²⁴⁹.

Esta dicotomia aparentemente inconciliável parece ser o mistério maior que orienta o argumento da matéria, englobando e subordinando a exposição dos outros três mistérios já mencionados: se Deus está morto, como se atribuiu sentido à vida a partir de uma perspectiva secular? Cabe notar que a publicação parece não considerar a possibilidade de que a realidade seja desprovida de qualquer

²⁴² Id., *ibid.*: Capa, meu grifo.

²⁴³ Id., *ibid.*: Índice, meu grifo.

²⁴⁴ Id., *ibid.*:60.

²⁴⁵ Id., *ibid.*, loc. cit.

²⁴⁶ Id., *ibid.*:62, grifo no original.

²⁴⁷ Id., *ibid.*:60.

²⁴⁸ Id., *ibid.*, loc. cit..

²⁴⁹ Id., *ibid.*:62.

sentido. Isto, aliás, acaba por abrir uma via de convergência entre o dogma religioso e a “Teoria da Evolução” tal como ali apresentada. Nesses termos, Darwin não é representado apenas como o “homem que matou Deus”, mas como uma espécie de substituto. Assim, se “Darwin dispensou Deus do cargo de criador”, ele mesmo “criou o homem”. A seleção natural, desse modo, parece ser entendida tanto como a problematização de um mito como um mito em si: ao explicar um por um daqueles mistérios, a “lógica de Darwin” vai preenchendo as lacunas de significado que ela mesma teria aberto na realidade. Daí, talvez, a noção de “evolução da evolução”, contida no título da reportagem. É como se SUPER fechasse um circuito, mobilizando a “lógica” que apresenta ao leitor para estruturar o seu relato sobre a própria “Teoria da Evolução”, explicando-a e, por tabela, explicando a própria realidade.

A julgar pelas expressões e fórmulas utilizadas na apresentação das considerações de Darwin e de “seus seguidores”²⁵⁰ realizada por SUPER, esta parece ser uma lógica de aperfeiçoamento e complexificação cumulativos: “Essa característica [uma membrana] deu-lhe alguma *vantagem* na luta pela sobrevivência”²⁵¹, “Com o tempo, novos mutantes (...) foram nascendo com asas cada vez *melhores*”²⁵², “Só que alguns [erros, mutações] *não davam em aberrações*. Muito pelo contrário”²⁵³, “Assim elas [as moléculas] conseguiam *eficiência total*”²⁵⁴, “E eles [os primeiros seres multicelulares] ficaram *cada vez mais complexos*”²⁵⁵, “E o *progresso* nunca parou”²⁵⁶. Desse modo, se a própria seleção natural evoluiu, ela passa a poder dar conta de aspectos da realidade que antes não lhe eram acessíveis, tornando-se cada vez mais abrangente.

Isto se evidencia quando a “Teoria da Evolução” passa a explicar os mistérios da mente humana, que, desde a perspectiva neodarwinista, derivariam de um único “objetivo irracional”²⁵⁷: “lutar para que os genes façam cópias deles mesmos do melhor jeito possível”²⁵⁸. Dessa maneira, esse “egoísmo dos genes é a

²⁵⁰ Id., *ibid.*:60. “E agora seus seguidores do século 21 querem fazer algo ainda mais chocante: mostrar que não passamos de escravos a serviço dos verdadeiros donos deste planeta. Ah, tem mais: a teoria de Darwin pode ter desvendado o segredo dos buracos negros”.

²⁵¹ Id., *ibid.*:62.

²⁵² Id., *ibid.*, loc. cit.

²⁵³ Id., *ibid.*:64.

²⁵⁴ Id., *ibid.*, loc. cit.

²⁵⁵ Id., *ibid.*, loc. cit.

²⁵⁶ Id., *ibid.*, loc. cit.

²⁵⁷ Id., *ibid.*:64.

²⁵⁸ Id., *ibid.*, loc. cit.

chave para descobrir como a nossa mente funciona”²⁵⁹. A psicologia evolucionista, “uma nova ciência da mente [que] ganhou terreno no final do século 20”, parte desse pressuposto e afirma que “não faz sentido dizer que a cultura molda o nosso comportamento”, admitindo que a “mente foi forjada ao longo de toda a evolução”²⁶⁰.

A partir deste postulado, então, seria possível compreender – e mesmo justificar – uma série de comportamentos humanos; por exemplo, as supostas seletividade sexual feminina e a sua contraparte, a promiscuidade sexual masculina, ambas subsumidas numa única fórmula, “coisa também conhecida como vida afetiva e sexual”²⁶¹. Daí, explicam-se também o Carnaval²⁶², a violência²⁶³, o altruísmo – nitidamente utilitário²⁶⁴ ou “puro”²⁶⁵ –, a família e a hierarquia familiar²⁶⁶ e, por fim, a paixão e o amor²⁶⁷. Adotando esta perspectiva analítica, torna-se possível a formulação de verdadeiros “fatos”²⁶⁸ comportamentais, reduzindo-se a esfera simbólica da espécie humana a um epifenômeno biológico, lógica que Marshall Sahlins²⁶⁹ criticou como sociobiológica:

*In place of a social constitution of meanings, it [a sociobiologia] offers a biological determination of human interactions with a source primarily in the general evolutionary propensity of individual genotypes to maximize their reproductive success*²⁷⁰.

²⁵⁹ Id., *ibid.*, loc. cit.

²⁶⁰ Id., *ibid.*:64.

²⁶¹ Id., *ibid.*:66.

²⁶² Id., *ibid.*, loc. cit. “Nenhum adolescente pensa em engravidar 10 meninas quando vai viajar para o Carnaval. Mas os genes dele não fazem idéia de que existem camisinhas e tudo o mais, então deixam o rapaz com vontade de transar com 10 garotas e pronto”.

²⁶³ Id., *ibid.*, loc. cit. “Então não há mistério para a psicologia evolucionista: como a violência funcionou ao longo da história, está impregnada nos nossos genes”.

²⁶⁴ Id., *ibid.*:68. “(...) nada melhor que um pouco de altruísmo com alguns para ficar bonito na foto”.

²⁶⁵ Id., *ibid.*, loc. cit. “Mas em alguns casos somos altruístas sem querer nada em troca, nem inconscientemente. Isso acontece quando se trata das nossas famílias”.

²⁶⁶ Id., *ibid.*, loc. cit. “Outra coisa que determina a hierarquia entre parentes é a expectativa de que eles se reproduzam. Daí os pais se sacrificarem mais pelos filhos do que os filhos pelos pais”.

²⁶⁷ Id., *ibid.*, loc. cit. “O mesmo vale para quando nos apaixonamos. Se você ama alguém, quer ter filhos com essa pessoa, quer colocar seus replicadores ali e se esfolar para cuidar dos rebentos”.

²⁶⁸ Cf. o boxe “Três fatos sexuais da evolução que nunca ensinam na escola”: “Os homens de *todas* as culturas preferem as mulheres com ‘corpo de violão’, também conhecidas como gostosas. É que quadris largos, cintura fina e seios generosos são sinais de que a moça é bem fértil” (id., *ibid.*:64, meu grifo).

²⁶⁹ SAHLINS, M. *The use and abuse of biology: an anthropological critique of sociobiology*. Michigan: The University of Michigan Press, 1976.

²⁷⁰ Id., *ibid.*: x.

A reportagem de SUPER, dessa maneira, parece estar inserida no processo que o autor chamou “folk dialectics of nature and culture”²⁷¹, isto é, “we seem unable to escape from this perpetual movement, back and forth between the culturalization of nature and the naturalization of culture”²⁷². Segundo o autor, a perspectiva sociobiológica, então, estaria inserida num contexto ideológico mais amplo, embora bem localizado – a sociedade Ocidental –, onde, desde o século XVII, se estabelece um ciclo vicioso entre as representações de natureza e de sociedade ali presentes, “alternately applying the model of capitalist society to the animal kingdom, then reapplying this bourgeoisified animal kingdom to the interpretation of human society”²⁷³. Ainda de acordo com Sahlins, esta é uma classificação do mundo semelhante às das sociedades tradicionais:

*For if totemism is, as Lévi-Strauss says, the explication of differences between human groups by reference to the distinctions between natural species, such that clan A is related to and distinct from clan B as the eagle hawk is to the crow, then sociobiology merits classification as the highest form of the totemic philosophy. (...) Give it its due: sociobiology is a Scientific Totemism*²⁷⁴.

A partir da exposição dos últimos desdobramentos da seleção natural, ou seja, da aplicação da “Teoria da Evolução” em estudos de física cósmica, essa dinâmica se aprofunda em SUPER, esboçando-se até uma surpreendente aproximação entre Darwin e Deus, ressuscitado e devidamente ressignificado nas últimas linhas da reportagem:

*Baruch Spinoza, um filósofo holandês do século 17, defendia que Deus e Universo são apenas dois nomes para uma coisa só; que o Criador não é exatamente um criador, mas a grande regra que move o Cosmos. Se você gosta desse ponto de vista (Albert Einstein gostava) pode dizer tranquilamente: Charles Darwin não matou Deus. Só descobriu onde ele estava*²⁷⁵.

Se a seleção natural, tal como apresentada pela publicação, parece dar sentido a tudo, dando conta de todos os mistérios que há entre a origem das espécies e Deus – passando, como já vimos, pela mente, pelo “Multiverso”²⁷⁶ e até pelo Carnaval –, pode-se sugerir que, muito mais que uma teoria ou um

²⁷¹ Id., *ibid.*:93.

²⁷² Id., *ibid.*:105.

²⁷³ Id., *ibid.*:101.

²⁷⁴ Id., *ibid.*:106, grifos no original.

²⁷⁵ Id., *ibid.*:68.

²⁷⁶ SUPERINTERESSANTE, *ibid.*:68.

paradigma científicos, a “lógica de Darwin” ali divulgada seja uma lógica mítica, onde, a seguir a sugestão de Sahlins, seria possível perceber, ainda que “entrenchada” (*entrenched*), a própria ideologia da sociedade Ocidental: “the assurance of its naturalness, and the claim of its inevitability”²⁷⁷. Em síntese, conforme Lévi-Strauss,

*é característica do mito, diante de um problema, pensá-lo como homólogo a outros problemas que surgem em outros planos: cosmológico, físico, moral, jurídico, social, etc. E analisar tudo em conjunto*²⁷⁸.

3.3.

“Mistério” e “verdade”: uma síntese, uma tendência

Investigando as reportagens separadamente, ou seja, tomando-as como textos estanques e limitados a uma dezena de páginas impressas, arriscava-se uma série de estudos coerentes internamente, mas pouco integrados entre si. Isto dificultaria o acesso à representação de ciência presente nestes segmentos da revista. Assim, se SUPER é uma publicação de divulgação científica, isto é, se se trata de uma publicação *sobre* ciência, é lícito esperar encontrar ali, igualmente, uma narrativa *sobre* ciência. Ainda que não se disponha de passagens cujo simbolismo é evidente (por exemplo, “a atividade científica contemporânea consiste em...”)²⁷⁹, pode-se interpretar esta narrativa através de outros índices, significativos de como SUPER apreende a ciência e a comunica aos seus leitores.

Este recorte emergiu depois de repetidas leituras do material empírico, como se tivéssemos retornado diversas vezes a campo. Efetivamente, é o próprio discurso nativo quem fornece um eixo que parece atravessar as seis reportagens analisadas. Referimo-nos aqui à noção de “mistério”, que aparece recorrentemente, seja, por exemplo, no interior de uma reportagem isolada, seja na série como um todo. Se “mistério” não é empregado literalmente, lança-se mão de

²⁷⁷ SAHLINS, *ibid.*, loc. cit.

²⁷⁸ LÉVI-STRAUSS & ERIBON, 2005:196.

²⁷⁹ Deve-se reconhecer, o editorial da edição de março discorre praticamente nestes termos: “Fazer ciência é usar a suspeita, o ceticismo, a racionalidade, a coragem, o método para mirar o desconhecido” (SUPER, ed. 237:12). Cogitou-se mesmo adotar os 13 editoriais como recorte. Um inconveniente, contudo, fez-nos deixá-los de lado: se este editorial discorre explicitamente sobre o fazer científico, os outros consistem muito mais numa apresentação às matérias contidas na revista e nem sempre as reportagens de capa eram mencionadas.

uma palavra ou fórmula equivalente, como ocorre com as matérias das edições de abril e maio: “A *outra* Esparta” ou “A história *secreta* da igreja” e “O *lado B* da Igreja”. Ainda assim, a idéia de uma realidade desconhecida parece comum a todas essas expressões. Esta categoria já vinha se insinuando nas leituras preliminares das reportagens, mas foi ganhando contornos mais nítidos à medida que as interpretávamos etnograficamente.

Cabe nuançar dois tipos de “mistério”, contudo, o que acaba impondo uma distinção entre dois níveis de discurso contidos nestas reportagens. Como vimos, se SUPER, por um lado, apresenta ao seu leitor a maneira como a teoria da evolução de Charles Darwin “resolveu o mais complexo dos mistérios”, por outro, a própria publicação chega a devassar uma realidade aparentemente desconhecida, por exemplo, uma suposta história secreta da Igreja Católica. A diferença, porém, não altera o sentido mais amplo que o “mistério” adquire em SUPER, pelo contrário, reforça-o. Parece haver um paralelismo entre estes seus dois significados: em alguns momentos, a própria publicação chega a mobilizar o instrumental que, em outros, limita-se a apresentar. Noutras palavras, talvez seja possível dizer, pelo menos em caráter preliminar, que SUPER divulgue ciência tanto ao apresentar e explicar paradigmas científicos ao seu leitor quanto ao colocá-los em prática.

Se concordamos com Norbert Elias, por exemplo, e encaramos o cientista como um destruidor de mitos²⁸⁰, pode-se dizer que a postura de SUPER seja científica, uma vez que se tenta problematizar ali uma série de preconceitos cristalizados, como a suposta tirania de Esparta ou a alegada filantropia da Igreja Católica. O “mistério”, então, pode ser lido de duas maneiras diversas, mas que não se opõem: de um lado, retrospectivamente, como o princípio da narrativa acerca de uma realidade que, se antes era desconhecida, agora já não o é mais, graças ao advento de uma teoria que a explica; de outro, metodologicamente, como um problema, uma questão levantada pela publicação e através da qual ela mesma se debruça sobre uma realidade a investigar. Contudo, a prospectiva e a expectativa – muitas vezes realizada – parecem ser as mesmas, isto é, a passagem do desconhecer ao conhecido. E aqui talvez possamos estabelecer uma fronteira

²⁸⁰ De acordo com Tatiana Landini, em seu artigo *A sociologia de Norbert Elias*: “O cientista é, para Elias, um destruidor de mitos – observando os fatos, luta por substituir mitos, idéias religiosas etc., por teorias testáveis, verificáveis e susceptíveis de correção por meio da observação” (LANDINI, 2006:103).

mais clara entre o discurso científico e o jornalístico, entre a ciência e a divulgação científica, matizando a sugestão levantada acima, isto é, a de que a própria SUPER faria ciência lançando mão das teorias e conceitos que apresenta: àquela primeira postura negativa e problematizadora, a revista tende a oferecer um complemento positivo.

Nas reportagens, o “mistério” anda em companhia de uma contrapartida que o anula, ou que tenta anulá-lo. A publicação não apresenta um “mistério” intransitivamente, mas complementarmente em relação a uma “verdade”. Expressões como “TV 2.0”, “a outra Esparta” ou “lado B da Igreja”, aliás, já sugerem essa dinâmica. Ora, se há um “lado B” da Igreja, implica-se um “lado A”, ou “C” até, mas outro, como uma “outra” Esparta, possivelmente mais democrática do que se imagina. Embora empregado apenas na matéria de capa do mês de abril, em passagens como “a verdade sobre Esparta” ou “saiba a verdade sobre a cidade mais polêmica da Antiguidade”, o termo parece sintetizar a maneira como a própria SUPER encara a abordagem a um “mistério”.

No mês de janeiro, por exemplo, ao se debruçar sobre a história do *I Ching*, a publicação sugere ao leitor: “*Conheça* essa misteriosa história”²⁸¹. Na edição de fevereiro, conclui-se a respeito das transformações da televisão: “A TV está mudando, mas o que será dela é um mistério ainda mais difícil do que *responder* o que, afinal de contas, está acontecendo na ilha”²⁸². Em março, tematizando o espiritismo e a paranormalidade, SUPER afirma, a propósito da epilepsia: “(...) é só uma das possíveis *soluções* do mistério”²⁸³; e sobre o cérebro: “Se o cérebro é a *chave* para as alucinações (...)”²⁸⁴. Já em maio, “[p]ara *desvendar* essa história [a história secreta da Igreja] é preciso retornar às origens do cristianismo (...)”²⁸⁵. Em junho, por fim, destacam-se os desdobramentos do trabalho de Darwin: “Há 150 anos, Darwin *descobriu* como a vida pode existir sem a intervenção divina”²⁸⁶, “Agora a Teoria da Evolução está sendo usada para *explicar* mistérios ainda maiores – e as *revelações* são assustadoras”²⁸⁷ ou “Uma

²⁸¹ SUPERINTERESSANTE, ed. 235:41, meu grifo.

²⁸² Id., ed. 236:51, meu grifo.

²⁸³ Id., ed. 237:58, meu grifo.

²⁸⁴ Id., ed. 237, loc. cit., meu grifo.

²⁸⁵ Id., ed. 239:59, meu grifo.

²⁸⁶ Id., ed. 240: Capa, meu grifo

²⁸⁷ Id., ibid., loc. cit., meu grifo.

idéia simples *resolveu* o mais complexo dos mistérios: o sentido da vida”²⁸⁸.

O “mistério”, então, é um problema que caberia resolver e solucionar, uma realidade que provoca e à qual responderia e, pode-se acrescentar, corresponderia uma “verdade” descoberta durante a reportagem, ali mesmo decifrada, desencadeada, desvendada, explicada e revelada. Imbricados, “mistério” e “verdade” seriam as partes complementares da relação que anima a noção de ciência presente no discurso de SUPER, o primeiro tendendo a se dissolver na última. Este é um processo que parece não ficar em aberto, tendo um começo e um fim bem definidos, um problema e sua solução. É um percurso que, à primeira vista, guarda bastante semelhança com o de uma narrativa científica. Esta proximidade aparente pode ser ilustrada e questionada, por exemplo, com uma comparação entre o discurso adotado por SUPER em suas matérias e o discurso antropológico – e, portanto, científico.

Ao estabelecer uma distinção entre o relato antropológico e o literário²⁸⁹, Roberto DaMatta afirma que “cada monografia etnográfica busca resolver ou enfrentar um problema”²⁹⁰. Até aqui, portanto, seria lícito dizer que as matérias de SUPER seriam narrativas científicas, ainda que não o fossem de maneira rigorosa. Mais adiante, contudo, o autor chama a atenção para uma “diferença importante”²⁹¹:

*É que nos relatos antropológicos busca-se dialogar com certa problemática, enquanto na viagem [no relato literário] encontra-se uma série de aventuras (episódios inesperados que permeiam o texto e provocam a imaginação do leitor) (...)*²⁹².

Se na antropologia existe uma tentativa de “diálogo” com problemas, ou seja, questões que “raramente são resolvidas pelo pesquisador [o antropólogo], que apenas formula o que sua sociedade lhe permite formular naquele momento”²⁹³, a tendência em SUPER parece ser muito mais a de superá-los, de resolvê-los. Ainda, se a narrativa antropológica é “sempre motivada e realizada a

²⁸⁸ Id., *ibid.*:60, meu grifo.

²⁸⁹ Neste caso específico, entre o “texto etnográfico” e as “narrativas de viagem” (DAMATTA, 1993:38).

²⁹⁰ Id., *ibid.*:38.

²⁹¹ Id., *ibid.*:39.

²⁹² Id., *ibid.*, loc. cit., grifos no original.

²⁹³ Id., *ibid.*:40, nota 6.

partir de uma problemática anterior (e posterior) ao seu narrador”²⁹⁴, é possível dizer que as reportagens analisadas não levariam instâncias posteriores em consideração, os “mistérios” geralmente encerrando-se naquele espaço dedicado ao texto da matéria. É como se cada uma delas fosse uma “aventura” que narra os capítulos da destruição de um “mistério” que aprisionava uma “verdade”. No caso destas reportagens, contudo, ao mesmo tempo em que se desfaz um mito – o “mistério” –, pende-se para a criação de um outro – a “verdade”.

À exceção da reportagem de fevereiro, sobre o seriado *Lost* e a televisão, predomina uma tendência cujo sentido seria orientado rumo a uma “explicação definitiva”²⁹⁵. Como pudemos ver, no geral, a “verdade” apresentada – o *I Ching* como um primórdio de código binário, os fenômenos paranormais como resultado de falhas nas conexões cerebrais, a outra Esparta, o lado B da Igreja, Deus enquanto um Multiverso de egoísmos – não é objeto de suspeita, de dúvida, tal como uma cura xamanística – um mito –, conforme sugere Lévi-Strauss²⁹⁶, não o é para o enfermo:

*Os espíritos protetores e os espíritos malfazejos, os monstros sobrenaturais e os animais mágicos, fazem parte de um sistema coerente que fundamenta a concepção indígena do universo. A doente os aceita, ou, mais exatamente, ela não os pôs jamais em dúvida*²⁹⁷.

Esta postura, por sua vez, se aproximaria bastante daquela para a qual o próprio Norbert Elias²⁹⁸ chama a atenção:

*(...) a tarefa que a ciência tem de perseguir os mitos até a morte e de demonstrar que certas crenças generalizadas não são baseadas nos factos nunca será totalmente realizada, pois que, tanto dentro como fora dos grupos de cientistas especializados, há sempre quem converta as teorias científicas em sistemas de crenças. Extrapolam-se as teorias e usam-se de um modo perfeitamente divorciado de uma investigação dos factos teoricamente orientada*²⁹⁹.

E embora se reconheçam eventuais lacunas na realidade nas reportagens de SUPER, permanece a intenção de preenchê-las: “A TV está mudando, mas o que

²⁹⁴ Id., *ibid.*:43.

²⁹⁵ SUPERINTERESSANTE, ed. 237:54.

²⁹⁶ LÉVI-STRAUSS, C. “A eficácia simbólica”. In: _____. *Antropologia estrutural*. Tradução: Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973a, pp.215-36.

²⁹⁷ Id., *ibid.*:228.

²⁹⁸ ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1970.

²⁹⁹ Id., *ibid.*:55-56 apud LANDINI, *ibid.*:103-4.

será dela é um mistério ainda mais difícil do que responder o que, *afinal de contas*, está acontecendo na ilha. *Alguma teoria?*³⁰⁰; “Talvez nem mesmo o cérebro abrigue *todas as explicações*”³⁰¹ ou “*Enquanto* uma explicação definitiva não aparece, quem acredita ver espíritos prefere tentar levar a vida normalmente (...)”³⁰². A publicação, então, parece pender para a elaboração de um texto que varia desde um ponto de vista cético até uma perspectiva mítica da realidade, num espaço de aproximadamente dez páginas; ou, como já dissemos a respeito da reportagem de maio, um texto que é tão iconoclasta quanto “iconoplasta”. Num outro momento, mas a este mesmo propósito, o próprio Lévi-Strauss, por exemplo, antropólogo ao qual nos referimos com alguma frequência durante esta dissertação, já se deparou com paradoxo semelhante, à única e fundamental diferença que ele discorre sobre esta condição reflexivamente, isto é, ainda que isto não o exima de críticas³⁰³, ele está atento às suas próprias contradições e, importante, se expressa sobre elas:

*Ao querer imitar o movimento espontâneo do pensamento mítico, meu trabalho – que é breve demais e longo demais – foi obrigado a ceder às suas exigências e a respeitar seu ritmo. Assim, este livro [refere-se a *Le cru et le cuit*], tratando de mitos é, à sua própria maneira, um mito*³⁰⁴.

Como afirma DaMatta: “Claude Lévi-Strauss, como se observa, não se poupa como investigador. Ele é o primeiro a relativizar o seu próprio esquema de análise dos mitos, colocando-se, corajosamente, nela”³⁰⁵. É esse tipo de atitude que tende a ficar de fora das reportagens de SUPER, ou seja, a problematização reflexiva das próprias perspectivas ali elaboradas – desde as premissas adotadas até as conclusões a que se chegou. Isto, aliás, não deveria ser percebido como uma deficiência dos textos da publicação, uma vez que, ao que tudo indica, SUPER

³⁰⁰ SUPERINTERESSANTE, ed. 236:51, meus grifos.

³⁰¹ Id., ed. 237:61, meu grifo.

³⁰² Id., ibid., loc. cit., meu grifo.

³⁰³ Jacques Derrida, de quem emprestamos a citação, coloca a seguinte problemática: “(...) mesmo que nos curvemos à necessidade do que Lévi-Strauss fez, não podemos ignorar os riscos. Se o mitológico é mitomórfico, serão equivalentes todos os discursos sobre mitos? Deveremos abandonar qualquer exigência metodológica, que nos permita distinguir entre várias qualidades do discurso sobre o mito?” (DERRIDA, 1976:271).

³⁰⁴ LÉVI-STRAUSS, s/d apud DERRIDA, 1976:270. O texto “direto” de Lévi-Strauss, tal como presente na “Abertura” da edição brasileira de *O cru e o cozido*, é como segue: “E, querendo imitar o movimento espontâneo do pensamento mítico, nosso empreendimento, ele também curto demais e longo demais, teve de se curvar às suas exigências e respeitar seu ritmo. Assim, este livro sobre mitos é, a seu modo, um mito” (id, 1991:15).

³⁰⁵ DAMATTA, 1987:106.

não se pretende uma revista científica. Além disso, como tentamos deixar claro durante a análise de cada uma das reportagens, há passagens que realmente nuançam o discurso ali elaborado, permitindo-nos apenas sugerir que haveria uma ênfase, uma tendência de SUPER em se debruçar sobre um “mistério” e a sua “verdade”, e não um fato editorial que consistiria em estabelecer uma lógica rígida e incontornável entre ambos.

O que parece diferenciar o relato jornalístico da publicação frente a um relato antropológico, uma vez que ambos consistem em interpretações da realidade, seria, no dizer de Clifford Geertz, a “densidade” de cada interpretação. É possível sugerir que a interpretação jornalística da realidade não estaria cercada do *mesmo* zelo – teórico e metodológico – que baliza a narrativa antropológica. E é necessário deixar claro: o jornalista, por não tomar os mesmos cuidados que o antropólogo, não seria necessariamente um descuidado, seu zelo sendo *outro*; sua interpretação, apenas por isso, não seria “menos” interpretação. A emissão de juízo como esse redundaria, ao fim, num etnocentrismo explicitamente normativo, no caso, um “cientificocentrismo” ou, mais precisamente, um “antopologicocentrismo”. Além disso, é possível que esta tendência de partir de um “mistério” para se chegar a uma “verdade” seja dotada de algum valor prático para a exposição jornalística de SUPER. Esta possibilidade, contudo, permanece uma hipótese a ser investigada, uma vez que oneraria consideravelmente os esforços aqui empreendidos.

Ainda assim, o jornalismo de SUPER é passível de crítica – ainda que crítica literária, como preferiria Geertz –, sendo inegáveis as distintas qualidades de uma e outra atitudes intelectuais. Como informa DaMatta, “as etnografias têm se concentrado na descrição daquilo que todos fazem ou pensam que fazem; dos valores que orientam ou balizam as condutas coletivas e que todos mantêm e acreditam”³⁰⁶. Desse modo, diferentemente de SUPER, onde haveria ou onde predominaria, como insinuamos acima, uma preocupação em decifrar uma “verdade” a partir de um “mistério”, de dar conta de um problema através de sua “explicação definitiva”, na narrativa antropológica a tônica se concentraria não tanto em decifrar códigos, mas em lhes compreender as bases sociais e a importância para determinada coletividade humana. Conforme Geertz:

³⁰⁶ DAMATTA, 1993:42.

*Analysis [a análise antropológica], then, is sorting out the structures of signification – what Ryle called established codes, a somewhat misleading expression, for it makes the enterprise sound too much like that of the cipher clerk when it is much more like that of the literary critic – and determining their social ground and import*³⁰⁷.

Em suma, então, o discurso de SUPER sobre a ciência, um discurso que interessa, ou melhor, “superinteressa” ao seu jovem leitor, parece consistir num relato sobre a conversão de um “mistério” numa “verdade”, o percurso de um problema até a sua solução definitiva. Nesta narrativa, tende-se a substituir as interrogações por pontos finais, trocando, dessa forma, o duvidoso pelo certo. Desse modo, classificamos o discurso da publicação como *tendencialmente* mítico.

Há pelo menos dois motivos para empregarmos o advérbio “tendencialmente” ao classificarmos as reportagens da revista. Por um lado, o discurso de SUPER não é categoricamente mítico porque abriria, de fato, margem para lacunas e dúvidas. É possível detectar no texto interno de cada uma das reportagens passagens que nuançariam o argumento da publicação. Contudo, como tentamos mostrar, a ênfase parece ser a de solucionar problemas. Tanto é assim que a reportagem de fevereiro de 2007 – sobre um seriado televisivo e as transformações nos meios de comunicação de massas – sobressai justamente como uma espécie de exceção à tendência detectada na série como um todo. Já a matéria do mês de junho, sobre Teoria da Evolução, encontra-se em contraponto em relação à reportagem de fevereiro, mobilizando o próprio paradigma que divulga para apresentar “verdades” que chegariam ao plano do divino. Por outro lado, consideramos imprudente inferir que o discurso de SUPER seja categoricamente mítico a partir da análise de apenas seis reportagens de capa. Um diagnóstico mais preciso talvez venha a partir de um estudo mais amplo, tanto de um exemplar da revista em si, como de uma série que contenha mais exemplares.

De qualquer modo, não deixa de ser significativo chamar a atenção para o fato de que, enquanto finalizamos estas páginas, no começo de junho de 2008, isto é, um ano depois de publicada a última reportagem de SUPER considerada neste trabalho, deparemos com os seguintes dizeres na capa, no índice e no lide da

³⁰⁷ GEERTZ, *ibid.*:9.

reportagem de capa da edição 253:

Os novos mistérios de Indiana Jones[:] O que é a Caveira de Cristal?[:] Alienígenas, Roswell e a Área 51[:] Quem desenhou as linhas de Nazca?[:] O que há de verdade e de ficção nos últimos enigmas da série.

Indiana Jones[:] Caveira de cristal, Roswell, El Dorado: a verdade sobre os mistérios da nova aventura do nosso arqueólogo favorito.

Indiana Jones e suas histórias não resolvidas[:] Ele derrotou soviéticos e nazistas, explorou lugares incríveis e achou tesouros desconcertantes. Mas, ao fazer tudo isso, mais confundiu do que explicou: como misturam pitadas de realidade com muita ficção, as aventuras do arqueólogo mais famoso do cinema não solucionam os mistérios que levantam. Saiba o que a ciência tem a dizer e desvende conosco os 7 maiores enigmas da série³⁰⁸.

³⁰⁸ SUPERINTERESSANTE, ed. 253: Capa, Índice e p.42.